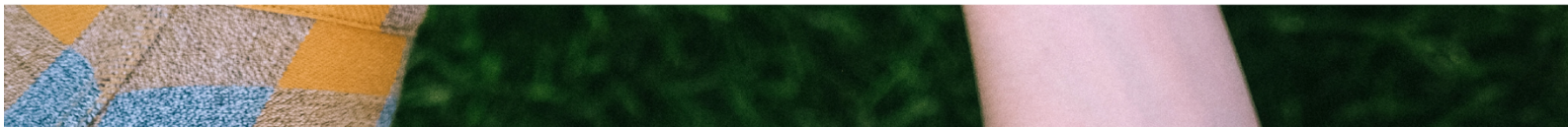
Mulher e sustentabilidade no sistema agroindustrial da soja

Relatório de finalização do projeto de parceria:

CEPEA
CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA - ESALQ/USP

CONSERVAÇÃO INTERNACIONAL
Brasil



Coordenadora: Profa. Dra. Sílvia H. Galvão de Miranda
Equipe: Profa. Dra. Ana Kassouf, Ms. Natália Salaro Gringol, Bel. Graziela Nunes Correr e Ms Grabriela Garcia Ribeiro

Apoio: Conservação Internacional (CI)

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 1

2. METODOLOGIA 2

2.2. ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS 3

2.3. QUESTIONÁRIO FECHADO 5

2.4. VALIDAÇÃO 6

3. RESULTADOS 7

3.1. PERFIL DAS MULHERES NA SOJA: ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS DA PNAD E CENSO AGROPECUÁRIO 7

3.2. PERCEPÇÃO DAS MULHERES SOBRE DESAFIOS DA INSERÇÃO FEMININA NO SAG DA SOJA 20

BOX 1. O que é importante para aumentar a quantidade de mulheres atuando no SAG da soja? 28

3.3. PERCEPÇÃO DAS MULHERES SOBRE DESAFIOS DO SAG DA SOJA 29

3.4. PERCEPÇÃO DAS MULHERES SOBRE SUSTENTABILIDADE 32

BOX 2. Existe alguma relação entre sustentabilidade e mulher no SAG da soja? 37

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 38

AGRADECIMENTOS 40

REFERÊNCIAS 40

ANEXOS 41

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a soja tornou-se um dos cultivos mais importantes no mundo, com papel chave na segurança alimentar, garantindo oferta de proteína. O Brasil configura-se como o segundo maior produtor e exportador mundial de soja em grão, e um dos maiores exportadores de farelo de soja para alimentação animal, configurando um importante produto para a economia nacional.

O Matopiba (Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia) configura-se com uma das maiores regiões produtoras, considerada como nova fronteira agrícola do Brasil e que ainda está se estabelecendo e sendo organizada. A região inclui 337 municípios localizados no sul e no leste do Maranhão, no Tocantins, no sudoeste do Piauí e no oeste da Bahia, somando cerca de 73 milhões de hectares.

Outra questão interessante para o agronegócio brasileiro é a participação da mulher no setor. De acordo com um estudo do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada), da Esalq/USP (2018), entre 2004 e 2015, a despeito da tendência geral de redução da população ocupada, a participação da mulher no agronegócio aumentou 8,3%, passando de 24,1% (2004) para 28% (2015).

De acordo com o mesmo estudo, em 2015, 19,66% das mulheres atuando no agronegócio estavam dentro da porteira; 0,91%, na indústria de insumos; e 34,11%, na agroindústria de processamento. O segmento de agrosserviços, por sua vez, se destacou, com participação de 45,32%. Já na produção primária de grãos, a participação das mulheres é 10,64%.

Dado este contexto, abre-se uma grande agenda para estudos envolvendo a temática da inserção das mulheres no sistema agroindustrial (SAG)[1] da soja e dos aspectos que possam contribuir para o seu desenvolvimento sustentável.

Este estudo, desenvolvido em parceria com a Conservação Internacional Brasil (CI-Brasil), teve como objetivos:

A. Identificar aspectos sociais e demográficos sobre o SAG da soja, buscando caracterizar o perfil das mulheres atuantes neste SAG.

B. Compreender o processo de inserção das mulheres na cadeia da soja, seus desafios e oportunidades.

C. Levantar aspectos sobre a percepção das mulheres que atuam na cadeia da soja brasileira sobre sustentabilidade

Depois desta breve introdução, é apresentada a metodologia utilizada no estudo. Na terceira seção, encontram-se os resultados e, na sequência, as considerações finais e agradecimentos da equipe de pesquisadoras.

[1] Sistema agroindustrial (SAG) pode ser definido como os vários setores econômicos que se encontram sequencialmente articulados para o processo produtivo – o que envolve o fluxo de compra e venda de materiais e o fluxo informacional que permeia este processo. Considera, portanto, os agentes que atuam nos segmentos ligados à cadeia produtiva (segmento de insumos, produção primária, indústria, canais de distribuição e consumidores) e também os agentes que atuam no ambiente institucional e organizacional (ZYLBERSZTAJN, 2000).

2. METODOLOGIA

O público-alvo do estudo são as mulheres que participam do sistema agroindustrial da soja (SAG da soja)[2], com especial atenção para aquelas que se encontram na região do Matopiba (que compreende os estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia). Contudo, por entender que o SAG da soja transcende o recorte regional por vezes, há alguns resultados que envolvem outros estados do País.

A metodologia deste estudo se apoia em duas abordagens complementares. A primeira, de caráter quantitativo, diz respeito à análise dos dados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio (PNAD) e do Censo Agropecuário de 2017, ambas pesquisas realizadas periodicamente pelo IBGE. Essa com o intuito de mensurar e avaliar a quantidade declarada das mulheres que estão ocupadas no setor produtivo da soja, ou seja, servir como referência do universo estudado.

A segunda abordagem, de caráter exploratório, qualitativo e descritivo, foi estruturada para avaliar a percepção do público-alvo sobre as perguntas do estudo. Consistiu em três partes, complementares entre si. Primeiramente, foram realizadas entrevistas por videoconferência, seguindo questionário semiestruturado. A opção de se utilizar esse tipo de questionário se deu com o intuito de diminuir um possível controle ou indução das categorias de perguntas sobre as respostas das entrevistadas. Nesse sentido, foram realizadas perguntas amplas, evitando que que termos, ideias, símbolos ou categorias culturais das pesquisadoras pudessem interferissem na dinâmica da entrevista e na compreensão acerca da experiência vivida pelo informante. Isso que permitiu maior liberdade para as entrevistadas em compartilhasse sua experiência segundo sua própria lógica, referenciais e conceitos (BERNARD, 2011).

A partir das entrevistas e da análise dos discursos, foram identificadas categorias de análises, as quais foram utilizadas para a elaboração de um questionário fechado. A aplicação do questionário fechado teve o objetivo de avaliar o posicionamento das respondentes diante de afirmativas – ou seja, de provocar respostas induzidas por questões que já traziam consigo termos e ideias identificados na etapa das entrevistas semiestruturadas (BERNARD, 2011). Na sequência, foi realizado um workshop para a validação dos resultados obtidos por meio das entrevistas e dos questionários.

Essa junção de metodologias buscou reduzir o viés da pesquisa e, assim, evitar induzir as entrevistadas a usar algum termo ou a adotar algum posicionamento que não fosse, de fato, próprio.

As próximas seções darão mais ênfase ao conjunto de metodologias adotado pelo estudo.

2.1. ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS DA PNAD E CENSO AGROPECUÁRIO

O censo agropecuário é uma pesquisa de âmbito nacional, sendo realizada usualmente a cada 10 anos. A data de referência do Censo Agropecuário 2017 foi o dia 30 de setembro de 2017, e os dados apresentam informações sobre pessoal ocupado, estoques, efetivos da pecuária, da lavoura permanente e da silvicultura, entre outros dados estruturais. A

[2] Estudo delimitou o SAG da soja entre os segmentos antes da porteira (insumos, produtoras, funcionárias de fazendas), indústria e do ambiente organizacional. Não foram ouvidas, assim, mulheres que participam do segmento de distribuição (como atacados e varejos), nem consumidoras.

investigação do Censo Agropecuário 2017 compreendeu toda unidade de produção dedicada, total ou parcialmente, às explorações agropecuária, florestal e aquícola, independentemente de seu tamanho, tendo sido avaliados 5.073.324 estabelecimentos.

Já a PNAD Contínua visa acompanhar as flutuações trimestrais e a evolução, a médio e longo prazos, da força de trabalho e outras informações necessárias para o estudo e desenvolvimento socioeconômico do País. A abrangência geográfica é todo o território nacional, excluídas áreas com características especiais. Na análise aqui apresentada, foram utilizados os dados do quarto trimestre.

Valendo-se dessas duas pesquisas, foram realizadas análises de caráter exploratório e tabulados os dados do setor da soja com recorte regional.

2.2. ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

As entrevistas foram realizadas de agosto de 2020 a fevereiro de 2021, por meio de videoconferência, e seguiram um questionário semiestruturado. Como já descrito, este tipo de entrevista foi escolhido com o intuito de minimizar influências de termos e ideias presentes em questões direcionadas sobre as respostas das entrevistadas. Assim, permite-se que as percepções emerjam de forma espontânea (BERNARD, 2011).

Diante da dificuldade em se obter dados que definam a quantidade de mulheres atuantes na cadeia da soja brasileira, optou-se por empregar uma amostragem não probabilística, realizada por meio da metodologia Bola de Neve. Esta opção metodológica decorre da necessidade de se localizar potenciais respondentes, bem como de garantir a aproximação de pessoas que demandam algum grau de confiança para participar da pesquisa. Também é interessante por revelar lideranças e formadores de opinião (BERNARD, 2011). Nesse sentido, partiu-se de uma base de contatos providenciada pelo Cepea e pela Conservação Internacional Brasil (CI-Brasil) e estes puderam contribuir com outras indicações, como exemplificado na **Figura 1**.

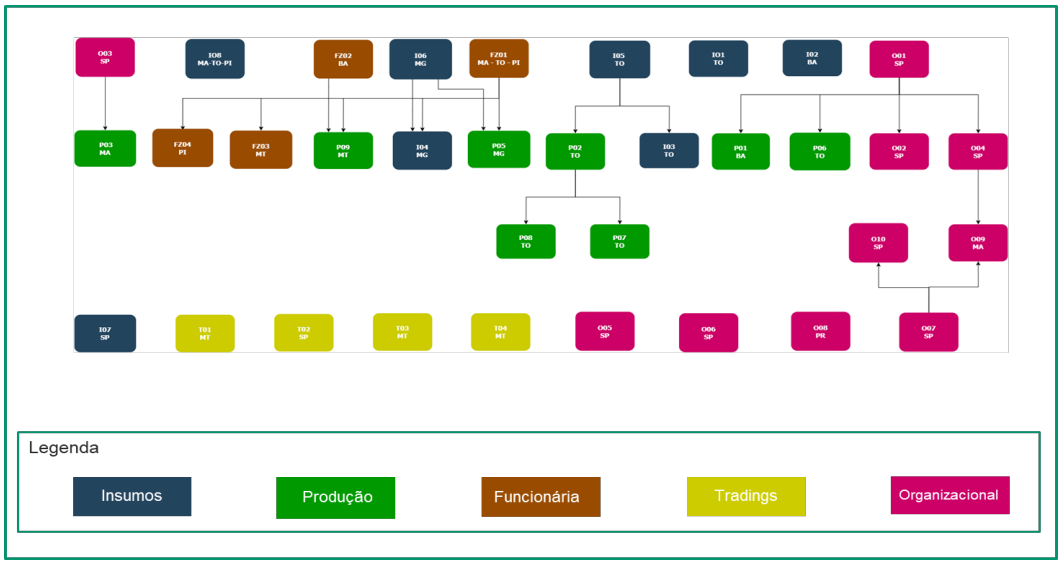


Figura 1. Fluxograma da amostragem obtida por meio do método Bola de Neve. As cores indicam os segmentos em que as entrevistadas atuam dentro do sistema agroindustrial da soja.

Ao todo, foram realizadas 34 entrevistas, das quais 30 foram respondidas por mulheres e quatro por homens, distribuídas entre os segmentos do sistema agroindustrial da seguinte forma:

- Oito foram feitas com profissionais atuantes no segmento de insumos agrícolas (sendo um deles homem);

- Oito com proprietárias de fazendas;

- Quatro com funcionárias de fazendas;

- Quatro com funcionárias de indústrias processadoras e tradings;

- Dez com pessoas que atuam no ambiente organizacional, sendo: três funcionárias de ONGs; um pesquisador da cadeia de soja (homem); um representante de consultoria especializada (homem); uma profissional de marketing especializada em agro; e quatro funcionárias do setor bancário (sendo um homem e três mulheres).

Sobre a distribuição territorial das entrevistadas: Tocantins e São Paulo dominaram, com participação de 23,33% cada, seguido por Minas Gerais, com 16%, Bahia e Mato Grosso, ambos com 10%, Piauí e Maranhão, com 6,73%, e 3% do Distrito Federal.

A idade das mulheres entrevistadas variou de 18 a 54 anos, com média de 34.

Em relação à escolaridade, 50% declararam possuir ensino superior completo, enquanto 3,6% possuíam instrução até o ensino médio, 7,14%, ensino técnico e 3,6%, ensino superior incompleto.

Em relação ao estado civil, 33% das entrevistadas eram casadas e 66%, solteiras. Um terço delas também era mãe.

É importante ressaltar que a decisão de entrevistar quatro homens, mesmo que não fizessem parte do público-alvo do estudo, se deu a fim de contribuir para ampliar o entendimento do problema de pesquisa, inclusive avaliando como ele se coloca na ótica masculina, e também para receber indicações de possíveis respondentes. Suas respostas, portanto, não constam na análise dos resultados.

A análise do discurso das entrevistadas foi realizada pela equipe de pesquisadoras com o intuito de identificar categorias de análises.

Para auxiliar na análise da trajetória das mulheres, dos desafios da inserção feminina no setor, e nos desafios relacionados a soja, foram criadas nuvens de palavras. Esta técnica de análise consiste numa categorização de termos em palavras-chaves (no caso de sinônimos ou de termos correlatos, a equipe de pesquisadoras teve autonomia para escolher as palavras-chaves que mais pudessem evidenciar o sentido da ideia transmitida) e na contabilização de sua frequência no conjunto de dados.

Desse modo, quanto maior a frequência de uma palavra-chave no discurso, maior será seu valor e, por consequência, seu tamanho na representação visual que se forma dos termos categorizados.

Para a avaliação da percepção das entrevistadas quanto ao termo “sustentabilidade”, foi empregada a técnica de mapa de configuração de imagem (MCI), como descrito por Schüller (2004). Esta metodologia de análise parte do princípio de que o conceito de imagem compreende representações, impressões, convicções e redes de significados

acerca de um objeto/produto/serviço/tema. A imagem que se tem de algo é, portanto, a forma como as pessoas enxergam algo com base em suas percepções.

Assim como descrito no caso da nuvem de palavras, primeiramente ocorreu a análise do discurso e categorização de termos em palavras-chaves (no caso de sinônimos ou de termos correlatos, a equipe de pesquisadoras teve autonomia para escolher as palavras-chaves que mais pudessem evidenciar o sentido da ideia transmitida).

Para a formação do mapa de configuração, as citações foram contabilizadas numericamente (soma do número de citações) e foram calculados quartis de classificação dos atributos: imagem central, primeira periferia, segunda periferia e periferia. Assim, os atributos mais presentes no discurso (e que se ligam de forma mais coesa à percepção de sustentabilidade) formam a imagem central do termo sustentabilidade, enquanto os menos citados compõem zonas da periferia da imagem da sustentabilidade. O mapa de configuração de imagem proporciona, assim, um método de análise útil para distinguir os grupos de atributos que estão mais ou menos conectados com a percepção das entrevistadas sobre sustentabilidade.

2.3. QUESTIONÁRIO FECHADO

O questionário fechado foi elaborado a partir dos resultados obtidos das entrevistas semiestruturadas. Dessa forma, as respondentes foram questionadas sobre termos e ideias que já haviam sido identificados e que correspondiam a categorias de análise já citadas pelo público-alvo.

O questionário fechado foi elaborado na plataforma GoogleForms e contou com 8 questões, com tempo médio de resposta de 10 minutos. Foi proposto que as respondentes avaliassem, numa escala de 1 a 5 (em que 1 era “discordo totalmente” e 5, “concordo plenamente”) uma série de afirmações referentes à cada tema proposto. Contudo, importante destacar que para efeito de apresentação mais consolidada dos resultados, foi agrupado os valores 1e2 para “discordo, 3 como “indiferente” e 4 e 5 para “concordo”.

A divulgação do questionário ocorreu de 23/03/2021 a 05/05/2021, sendo compartilhado nas listas de contatos do Cepea de colaboradores e parceiros que atuam no segmento agroindustrial da soja, nas redes sociais do Cepea e junto aos contatos que participaram das entrevistas semiestruturadas.

No total, foram obtidas 77 respostas, envolvendo 11 estados brasileiros – vale destacar que foram obtidas 20 respostas para a região do Matopiba e que, em São Paulo, houveram 18 respostas.

Sobre o perfil das respondentes, foram mulheres de média 41 anos – mínimo 19 e máximo 66 anos –, 45% casadas, 45% solteiras e 12% separadas. Dessas mulheres, 58% são mães, com, em média, 2 filhos de idade variando entre menos de 1 ano a 42.

A maior parte das respondentes, 30% das respondentes declararam possuir Ensino Superior completo; 48%, algum tipo de Pós-Graduação; 12% Superior incompleto; 8%, Ensino Médio e apenas 3%, ensino médio incompleto. Concluíram o Ensino Médio e apenas 3% (2 mulheres) têm Ensino Médio incompleto.

Por fim, importante destacar que, das 77 respostas obtidas, 35% das mulheres estão envolvidas no setor da produção da soja, 17% no ramo da Pesquisa do setor, 9% envolvidas na assistência técnica; 7%, na indústria da soja; 5%, na indústria de insumos

agrícolas; 4%, em instituições financeiras e 23%, na categoria “Outros”, que englobam consultorias, comunicação, outras culturas além da soja (**Figura 2**).

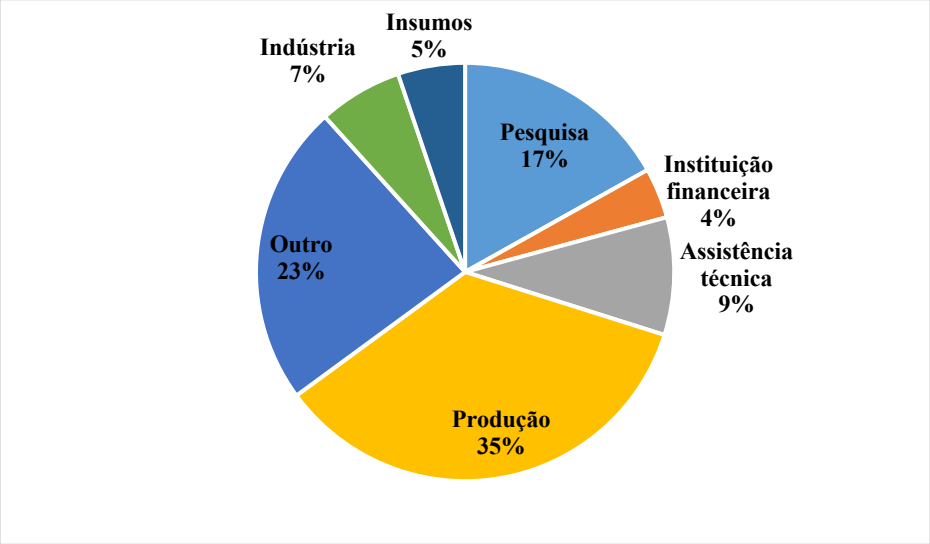


Figura 2. Perfis dos ramos de atuação na soja das mulheres respondentes do questionário fechado.

2.4. VALIDAÇÃO

Propôs-se realizar um encontro virtual para, ao apresentar alguns *insights*, provocar o debate e a validação dos resultados do levantamento. Assim, o objetivo dessa etapa de validação, chamada de “Workshop”, foi discutir, refinar e validar resultados obtidos junto das entrevistas semiestruturadas e do questionário fechado.

Participaram do workshop três mulheres que atuam na cadeia da soja, a equipe da CI-Brasil e a equipe do Cepea, num total de dez participantes.

O workshop foi dividido em duas partes. Na primeira, foram apresentados aos presentes os objetivos do projeto como um todo e também do workshop, a metodologia empregada no projeto, resultados oriundos da análise da PNAD, Censo Agropecuário, das entrevistas e questionário.

Na segunda parte, deu-se a interação entre as pesquisadoras e as participantes. Essa interação ocorreu por meio de uma dinâmica dividida em três partes: um debate sobre os desafios da mulher no agro; percepção das mulheres diante de frases apresentadas; e discussão sobre como trazer mais mulheres para o agronegócio. Vale destacar que, neste estudo, não são apresentados dados oriundos desta etapa metodológica, justamente por ela ter o objetivo de validar as análises realizadas por meio das metodologias anteriormente apresentadas.

3. RESULTADOS

Os resultados deste estudo são apresentados em quatro seções. Na primeira, são apresentados dados gerais do SAG da soja, por meio da análise quantitativa dos dados da PNAD e Censo Agropecuário.

Na segunda e terceira seção, apresentam-se resultados obtidos a partir de entrevistas e questionário sobre os desafios associados à inserção feminina no SAG da soja e sobre os desafios do SAG da soja, nesta sequência. Importante destacar que, no texto, faz-se a menção aos resultados obtidos de acordo com a coleta de dados - ou seja, citamos se os resultados são oriundos das entrevistas semiestruturadas (usando termos como "entrevistas", "entrevistadas", "análise do discurso") ou se advém do questionário fechado (utilizando termos como "questionário online" e "respondentes"). Em alguns momentos das análises, são apresentados trechos retirados das entrevistas semiestruturadas (marcados pelo recuo do parágrafo, aspas e itálico). Apenas fazemos menção a porcentagens no caso das respondentes do questionário online, ainda que não tenha sido possível estabelecer uma amostra significativamente estatística nesta coleta de dados. A intenção de trazer esses dados de forma conjunta é, também, mostrar possíveis diferenças na percepção dadas as duas formas de coleta de dados: quando a pergunta é feita de forma semiestruturada e com a interação de pesquisadores; e quando a pergunta é feita no questionário fechado aplicado de forma remota.

Na quarta seção, apresentam-se os resultados sobre a percepção das mulheres que atuam no setor sobre sustentabilidade e o mapa de configuração de imagem do termo.

3.1. PERFIL DAS MULHERES NA SOJA: ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS DA PNAD E CENSO AGROPECUÁRIO

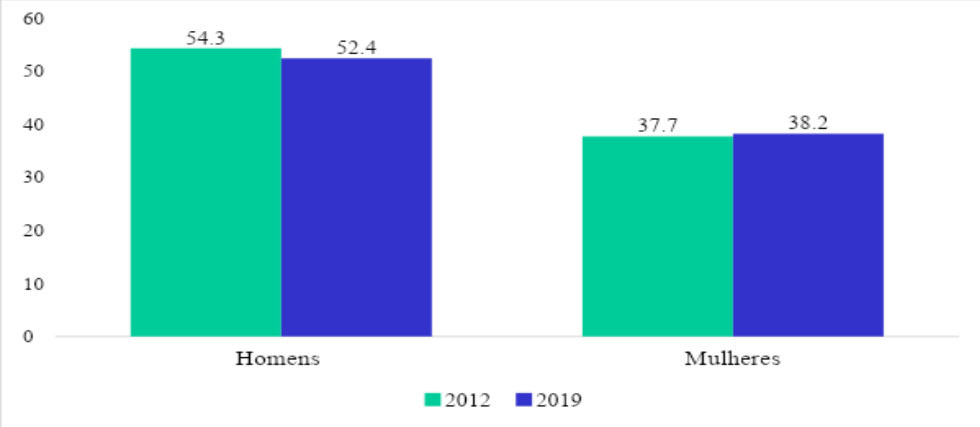
Esta seção do relatório apresenta resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), para os anos de 2012 e 2019, bem como alguns resultados do Censo Agropecuário de 2017.

Os resultados produzidos revelam o perfil das mulheres que atuam nas atividades agropecuárias, especificamente na produção de soja.

a) Dados para o Brasil

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), no ano de 2012, a população brasileira ocupada era composta por cerca de 54,3% de homens e 37,7% de mulheres, correspondendo por 51,2 milhões de homens e 38,6 milhões de mulheres (Gráfico 1). Já em 2019, a parcela de homens ocupados diminuiu (52,4%) e a de mulheres aumentou (38,2%), representando aproximadamente 53 milhões de trabalhadores e 41,7 milhões de trabalhadoras. As mulheres estão cada vez mais conquistando espaços no mercado de trabalho.

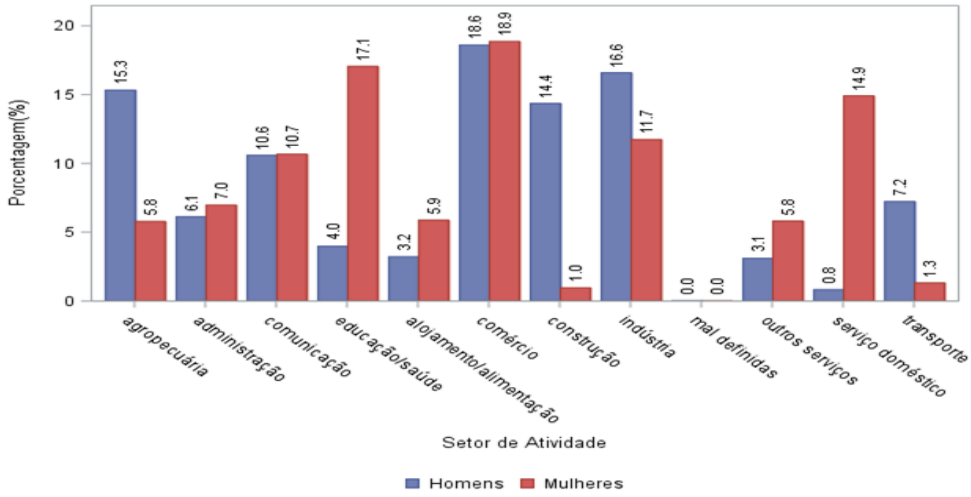
Gráfico 1. Porcentagem de indivíduos trabalhando em 2012 e 2019



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da PNAD.

Destes trabalhadores que, em 2012, somavam 90 milhões, cerca de 15,3% dos homens estiveram atuando na agropecuária, sendo este o terceiro setor que mais empregou trabalhadores no País naquele ano. Por outro lado, apenas 5,8% das mulheres estiveram ocupadas em atividades agropecuárias, de modo que este setor foi um dos que menos empregou mulheres neste mesmo ano, ficando na frente apenas do ramo de construções e transportes, como pode ser observado no Gráfico 2.

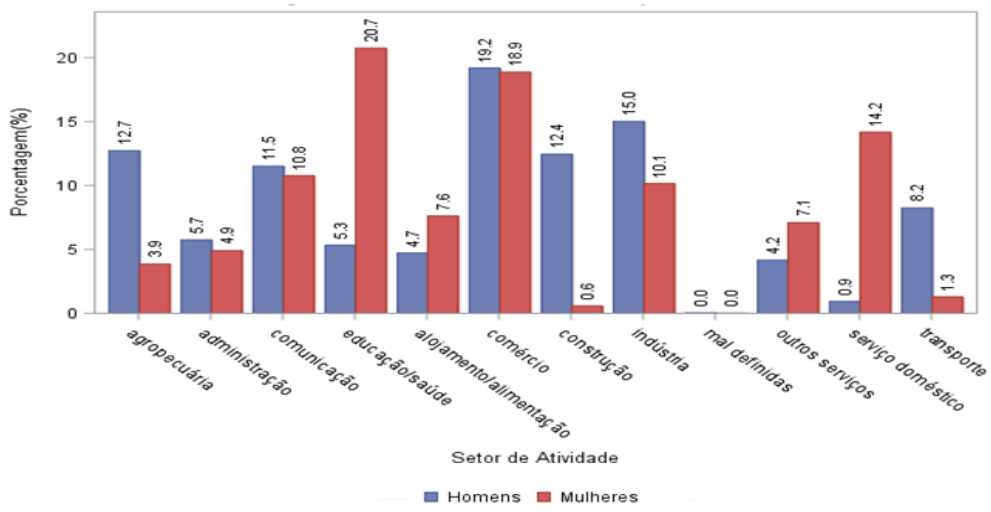
Gráfico 2. Porcentagem de indivíduos trabalhando por setor de atividade em 2012



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da PNAD.

No ano de 2019, observa-se no Gráfico 3, que a parcela da população ocupada que esteve trabalhando nas atividades agropecuárias diminuiu para ambos os sexos, de modo que esta empregou 12,7% da população masculina e 3,9% da feminina, possivelmente em decorrência da maior tecnologia empregada nesse setor nos últimos anos.

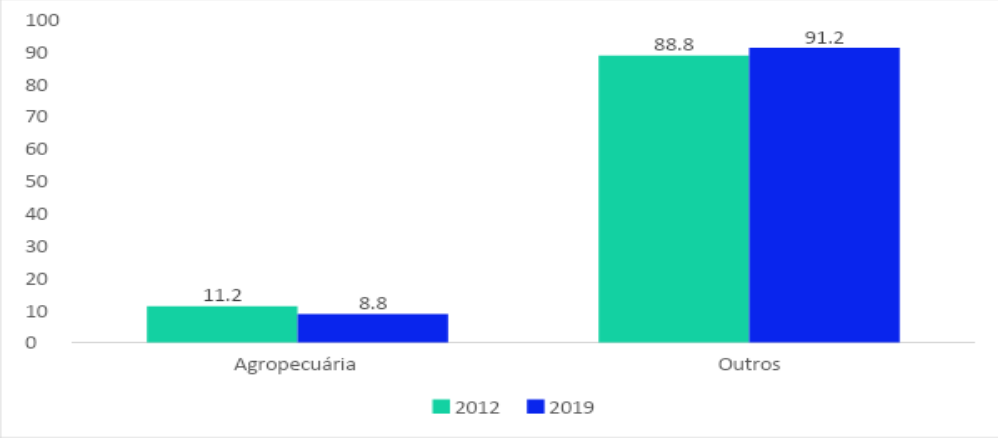
Gráfico 3. Porcentagem de indivíduos trabalhando por setor de atividade em 2019



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da PNAD.

De acordo com o Gráfico 4, é possível observar uma diminuição da porcentagem de indivíduos que trabalharam na agropecuária de 2012 para 2019, e, consequentemente, um aumento na parcela que esteve empregada nos demais setores econômicos.

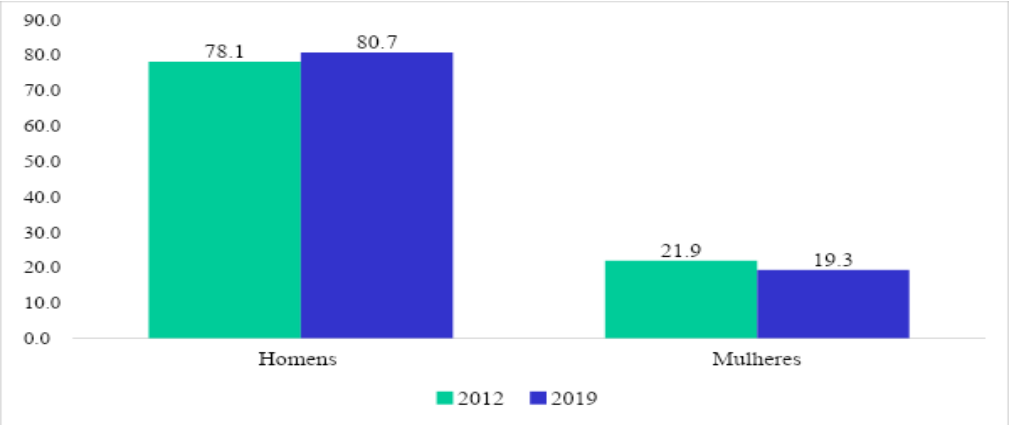
Gráfico 4. Porcentagem de indivíduos trabalhando na agropecuária em 2012 e 2019



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da PNAD.

Em 2012, 11,2% dos indivíduos trabalhando na agropecuária representava 10,1 milhões de trabalhadores, sendo 7,8 milhões de homens (ou 78,1%) e 2,2 milhões de mulheres (ou 21,9%). Em 2019, este número caiu para 8,3 milhões de trabalhadores, e, apesar da queda, a parcela de homens empregados nestas atividades cresceu (80,7%), enquanto a parcela de mulheres diminuiu (19,3%), como mostra o Gráfico 5.

Gráfico 5. Porcentagem de homens e mulheres trabalhando na agropecuária em 2012 e 2019



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da PNAD.

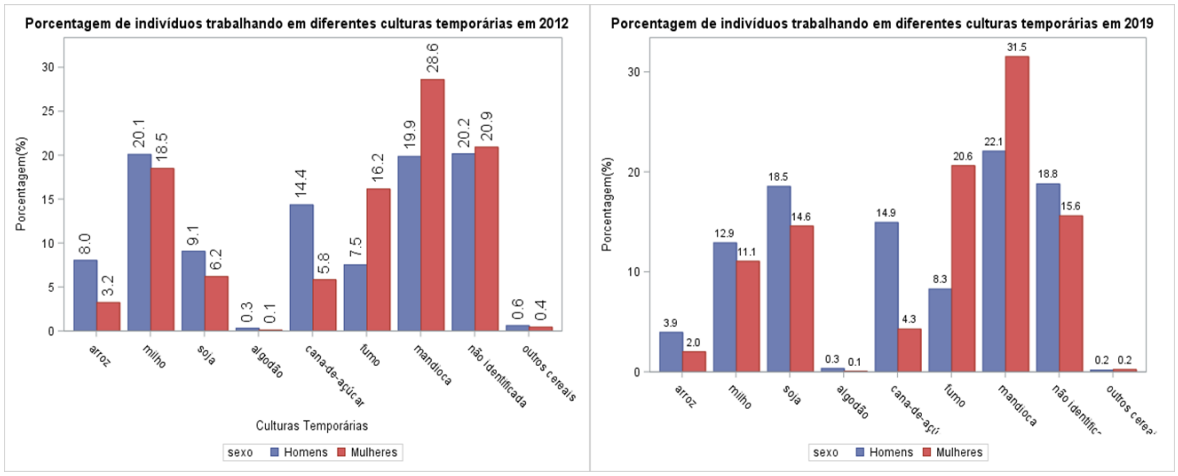
Em 2018, estudo de Barros et al. (2018) publicado pelo Cepea avaliou a atuação da mulher no mercado de trabalho do agronegócio brasileiro. Nesta pesquisa, os dados referentes ao ano de 2015 revelaram que, dentre as atividades que compõem a agropecuária, a demanda por mão de obra feminina foi mais intensiva na hortifruticultura (18,8%), na avicultura (12,2%), na produção de grãos (10,6%) e na bovinocultura (9,7%), principalmente, aquela voltada à produção leiteira. O estudo destaca ainda que estas atividades, especialmente, a hortifruticultura, a avicultura e a produção leiteira são tradicionalmente reconhecidas por exigirem menor força física e, por isso, geralmente, atribuídas às mulheres.

b) Lavouras temporárias

No ano de 2012, cerca de 3 milhões de indivíduos trabalharam em lavouras temporárias, e destes, 250 mil estiveram empregados na lavoura de soja, dos quais 83% eram homens e 17%, mulheres.

Em 2019, a quantidade de trabalhadores em lavouras temporárias diminuiu: foram aproximadamente 2,5 milhões de indivíduos. Contudo, a quantidade daqueles que trabalharam com a soja aumentou: foram 442 mil, dos quais 84% eram homens e 16%, mulheres, como mostra o Gráfico 6.

Gráfico 6. Porcentagem de indivíduos trabalhando em diferentes culturas temporárias em 2012 e 2019

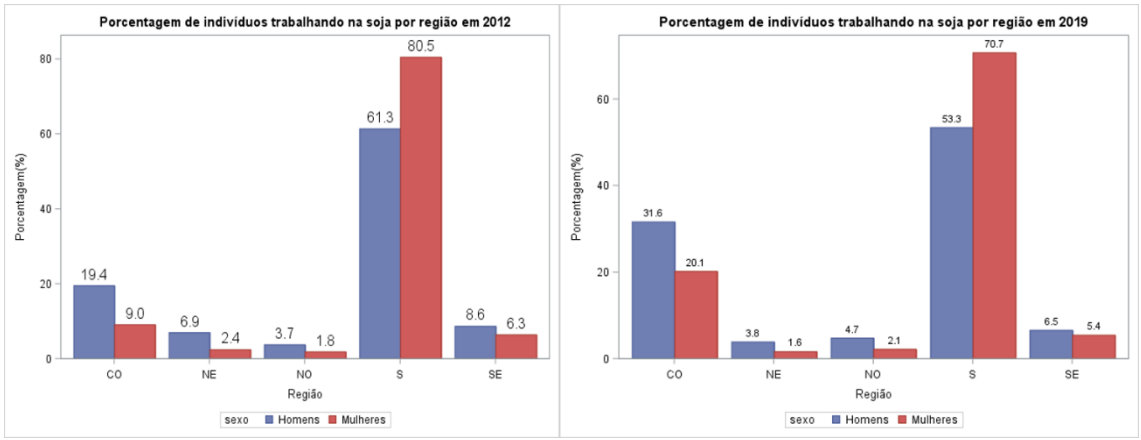


Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da PNAD.

c) Soja

Para os dois anos analisados, conforme mostra o Gráfico 7, a grande maioria dos indivíduos que trabalharam na lavoura de soja era da região Sul do País, a qual concentrou 61,3% dos homens e 80,5% das mulheres em 2012, e 53,3% dos homens e 70,7% das mulheres em 2019.

Gráfico 7. Porcentagem de indivíduos trabalhando na soja por região em 2012 e 2019



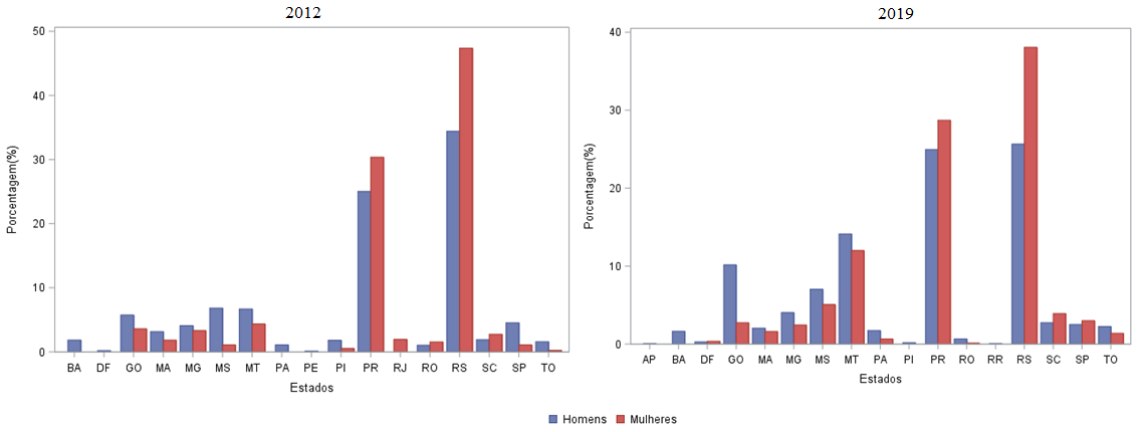
Fonte: elaboração própria com base nos dados da PNAD.

Analisando por estados, Rio Grande do Sul e Paraná foram os que mais empregaram indivíduos em lavouras de soja nos dois anos estudados. Em 2012, estes foram os estados que mais empregaram mulheres; e, em 2019, Mato Grosso do Sul e Goiás também se somaram a esta categoria (Gráfico 8).

É importante destacar que o avanço da ocupação das mulheres nesses espaços produtivos, segundo Zorzi (2008), não significa o rompimento da dicotomia "trabalho de mulher" versus "trabalho de homem". Isso porque a produção agrícola de grãos, apesar de ter apresentado um aumento da participação feminina nos últimos anos, continua, de acordo

com Spanevello, Matte e Boscardin (2016), sendo realizada majoritariamente pelo homem. A mulher, por sua vez, além de trabalhar na lavoura, permanece, em grande medida, desenvolvendo atividades relacionadas aos afazeres domésticos, ao cuidado de crianças e idosos e ao cuidado do quintal e hortaliças.

Gráfico 8. Porcentagem de indivíduos trabalhando na soja por estado em 2012 e 2019

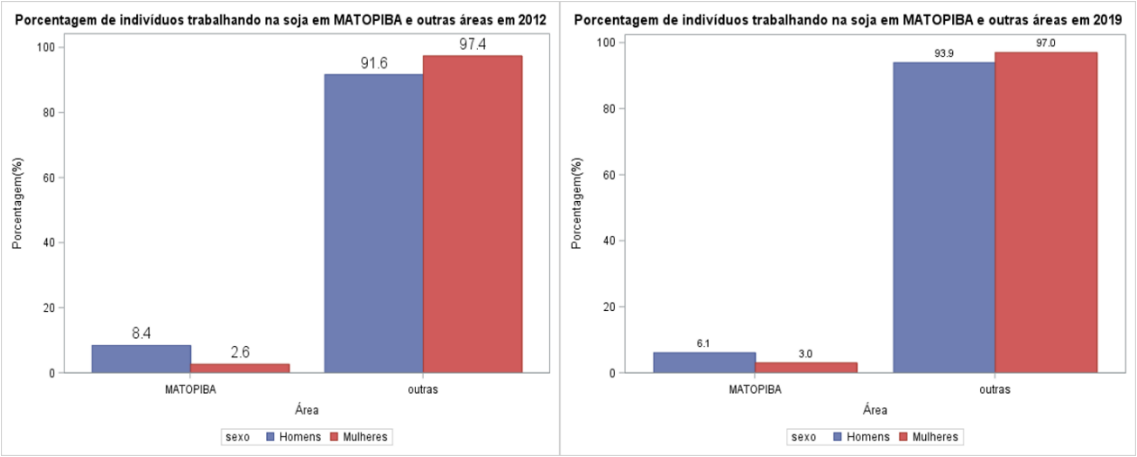


Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da PNAD.

Na região de Matopiba, a qual abrange áreas majoritariamente de Cerrado dos estados de Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, 18,5 mil indivíduos trabalharam nas lavouras de soja em 2012, com uma disparidade maior por gênero, de modo que 94% eram homens e 6%, mulheres. Em 2019, essa quantidade foi de 24,6 mil, estando composta por 91% de homens e 9% de mulheres. Interessante destacar um aumento do número de trabalhadores e, de maneira especial, o aumento na participação feminina.

Em relação a outras áreas, a região de Matopiba contou com 8,4% de homens e 2,6% de mulheres nas lavouras de soja em 2012 e 6,1% de homens e 3% de mulheres em 2019, como mostra o Gráfico 9.

Gráfico 9. Porcentagem de indivíduos trabalhando na soja em Matopiba e outras áreas em 2012 e 2019

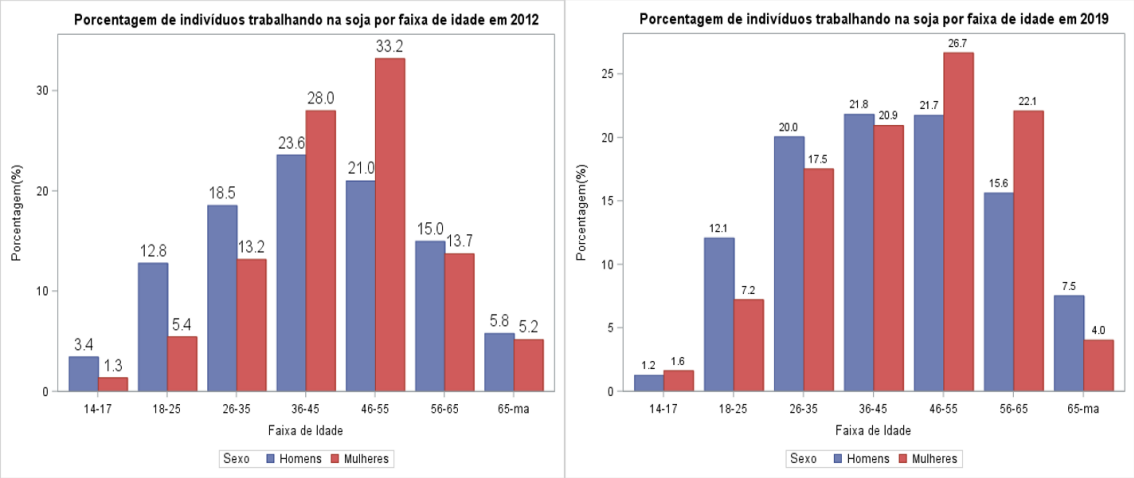


Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da PNAD.

Em 2012, a maioria das mulheres que atuaram nas lavouras de soja do País (33,2%) estava na faixa etária de 46 a 55 anos de idade. Observou-se que 1,3% de mulheres na faixa dos 14 aos 17 anos de idade e 5,2% de mulheres com 65 anos ou mais. Em relação aos homens, predominaram indivíduos de 36 a 45 anos de idade (23,6%), de acordo com o Gráfico 10.

Em 2019, a faixa etária predominante das mulheres se manteve. Houve um aumento na proporção de mulheres com idade entre 56 e 65 anos (22,1%) e uma diminuição na proporção de mulheres na faixa etária de 36 a 45 anos (20,9%).

Gráfico 10. Porcentagem de indivíduos trabalhando na soja por faixa de idade em 2012 e 2019.



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da PNAD.

No que diz respeito à escolaridade da população que trabalha com a soja, em 2012 predominaram trabalhadores com ensino fundamental incompleto, estando neste nível 63% dos homens e 63,6% das mulheres. O segundo nível de ensino foi o fundamental completo, com 18,5% dos ocupados. Por fim, aqueles que possuíam ensino médio completo e graduação compunham 14,7% e 3%, respectivamente, do total dos trabalhadores da soja.

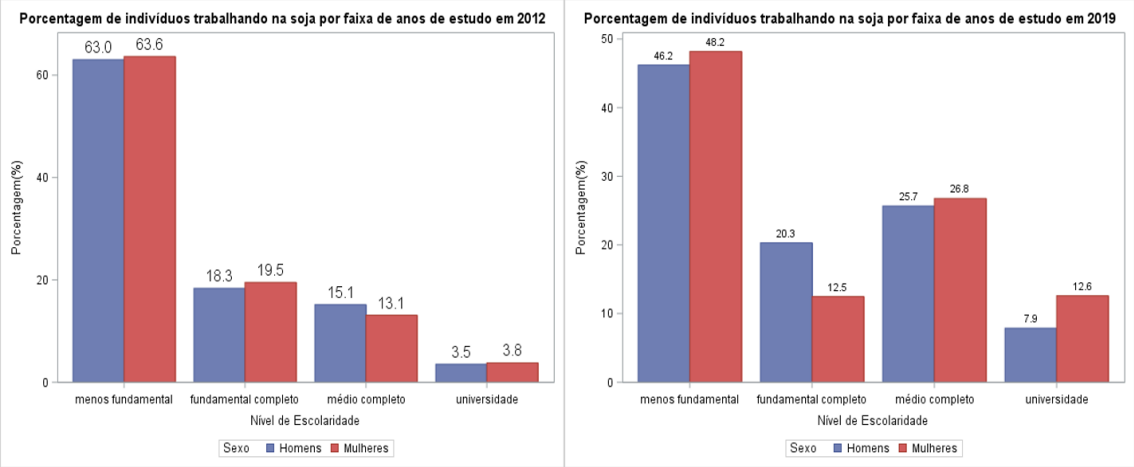
Em 2019, este cenário se apresentou diferente. A proporção de trabalhadores com nível fundamental incompleto diminuiu, sendo de 46,5%, e o segundo nível de instrução predominante foi o ensino médio completo, com 25,8% dos trabalhadores. Aqueles com nível fundamental completo somaram uma parcela de 19% e os que possuíam nível superior, 8,6%.

Em relação ao gênero, no ano de 2019, mulheres com ensino superior completo foram a terceira maior parcela empregada nas lavouras de soja, enquanto os homens com a mesma escolaridade compuseram a quarta maior parcela. Observa-se também, proporcionalmente, uma quantidade maior de mulheres do que de homens com ensino médio e nível superior (Gráfico 11).

Este resultado segue a tendência destacada por Brumer (2004) de que as mulheres, sabendo que os homens são preferidos na divisão da terra familiar, que eles têm maiores chances de obter um emprego no meio rural, ou porque não querem se submeter a uma situação de subalternidade semelhante à de suas mães, elas investem mais em sua

educação, visando, inclusive, uma melhor colocação no mercado de trabalho em caso de uma possível migração para a zona urbana.

Gráfico 11. Porcentagem de indivíduos trabalhando na soja por faixa de anos de estudo em 2012 e 2019

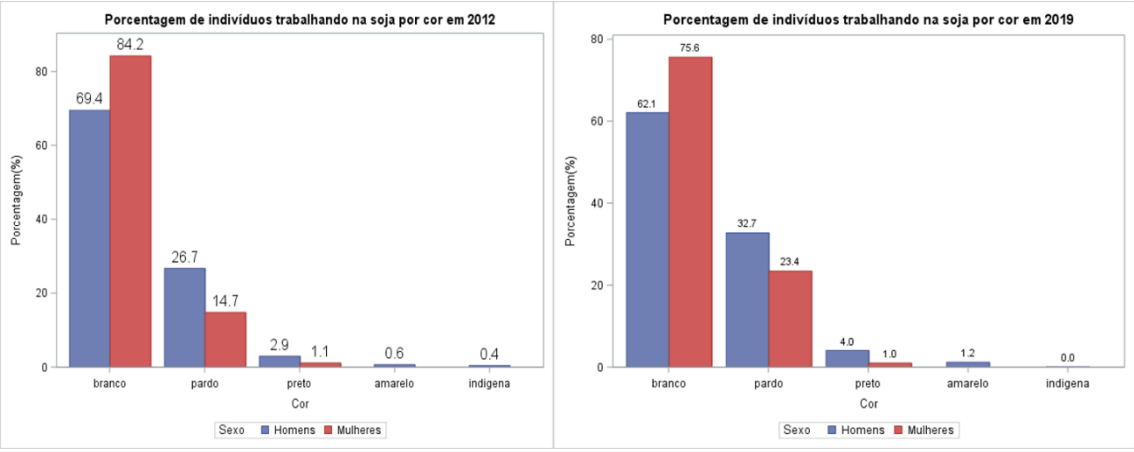


Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da PNAD.

Em relação a cor, predominaram indivíduos brancos atuando nas lavouras de soja para os dois anos analisados. Em 2012, essa proporção foi maior, com 69,4% dos homens e 84,2% das mulheres, totalizando 180 mil indivíduos. Indivíduos autodeclarados pardos e pretos totalizaram 61 mil e 6 mil dos trabalhadores, respectivamente. Amarelos e indígenas, todos do sexo masculino, corresponderam, juntos, por apenas 1% dos trabalhadores.

Em 2019, a quantidade de indivíduos brancos foi proporcionalmente menor, sendo 62,1% dos homens e 75,6% das mulheres, o que correspondeu por 284 mil trabalhadores. Aqueles que se autodeclararam pardos somaram 138 mil de trabalhadores e pretos, 15 mil. A população amarela trabalhando na soja foi de apenas 1,2% e indígenas não foram observados (Gráfico 12).

Gráfico 12. Porcentagem de indivíduos trabalhando na soja por cor em 2012 e 2019

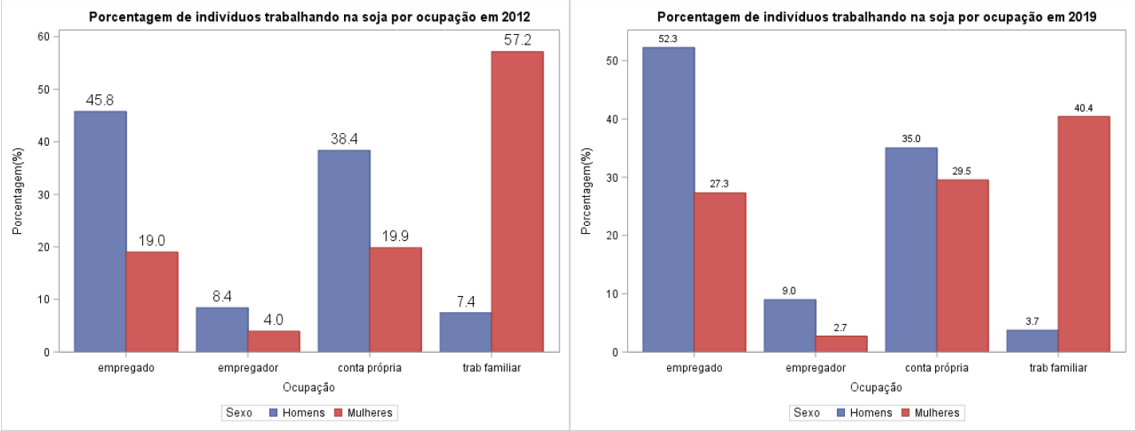


Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da PNAD.

Com relação as ocupações, as trabalhadoras familiares representaram 57,2% do total das mulheres atuantes nas lavouras de soja no ano de 2012. Na sequência estão as trabalhadoras por conta própria (19,9%), as empregadas (19%) e as empregadoras (4%). Em relação ao sexo oposto, as maiores discrepâncias estão nas categorias de trabalhadores familiares e empregados, nas quais 7,4% e 45,8% dos homens trabalhadores da soja apareceram, respectivamente. (Gráfico 13).

Em 2019, além de uma menor proporção, a maioria das mulheres também esteve ocupada em trabalhos familiares (40,4%). As categorias de trabalhadoras por conta própria e de empregadas alocaram uma proporção maior de mulheres do que em 2012, com 29,5% e 27,3%, respectivamente, do total das trabalhadoras da soja. Empregadoras continuaram sendo a minoria, com apenas 2,7% das mulheres em 2019.

Gráfico 13. Porcentagem de indivíduos trabalhando na soja por ocupação em 2012 e 2019



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da PNAD.

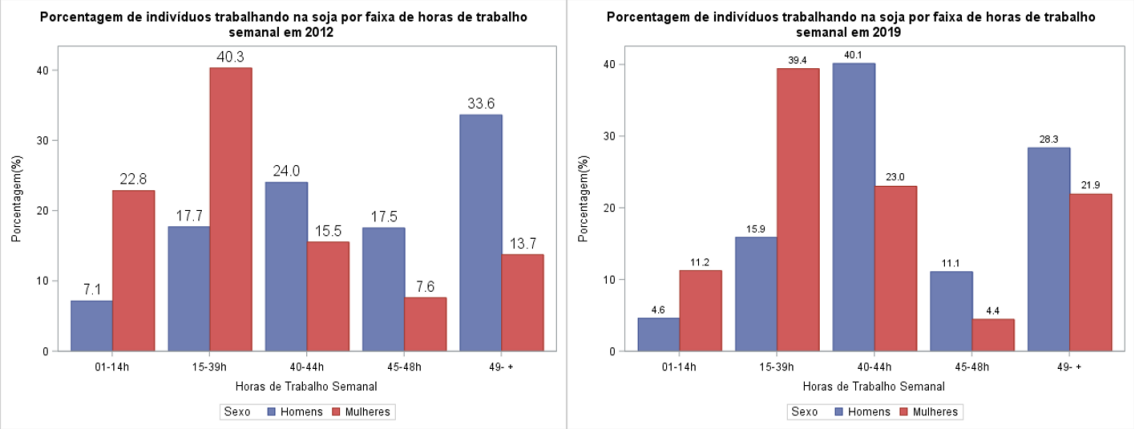
A maior parte das mulheres atuantes nas lavouras de soja trabalharam entre 15 e 39 horas semanais no ano de 2012 (40,3%). Em seguida, estão aquelas que trabalharam entre 1 e 14 horas (22,8%), entre 40 e 44 horas (15,5%) e mais de 49 horas semanais (13,7%). Em contrapartida, a maioria dos homens (33,6%) trabalhou mais de 49 horas semanais, como evidencia a Gráfico 14.

No ano de 2019, as mulheres permaneceram trabalhando, em sua maioria, entre 15 e 39 horas semanais (39,4%). Contudo, cresceu a quantidade de mulheres que trabalhou entre 40 e 44 horas (23%) e mais de 49 horas semanais (21,9%). Já os homens, neste ano, trabalharam majoritariamente entre 40 e 44 horas semanais.

Esse cenário evidencia o predomínio da lógica da divisão do trabalho por sexo na agricultura, segundo a qual o homem é geralmente o responsável por fazer o planejamento e a administração das atividades agropecuárias, por desenvolver trabalhos na esfera produtiva que exigem maior força física e investimento em aprendizagem para operar as novas tecnologias, bem como por manter contato com bancos, sindicato, cooperativa, empresas fornecedoras de insumos e por fazer a comercialização da produção. Enquanto a mulher dedica-se as atividades vinculadas às esferas reprodutivas, caracterizadas, principalmente, pelo trabalho doméstico e pela produção de alimentos direcionados ao consumo da própria família e a venda em caso de excedentes. Mesmo que as mulheres participem das tarefas produtivas, elas são normalmente vistas como ajudantes (BRUMER, 2004; SPANEVELLO, MATTE, BOSCARDIN, 2016). Todavia, como

indicam os dados analisados, esse cenário tende a se alterar, com cada vez mais mulheres ocupando posições no mercado de trabalho do agronegócio como um todo.

Gráfico 14. Porcentagem de indivíduos trabalhando na soja por faixa de horas de trabalho semanal em 2012 e 2019

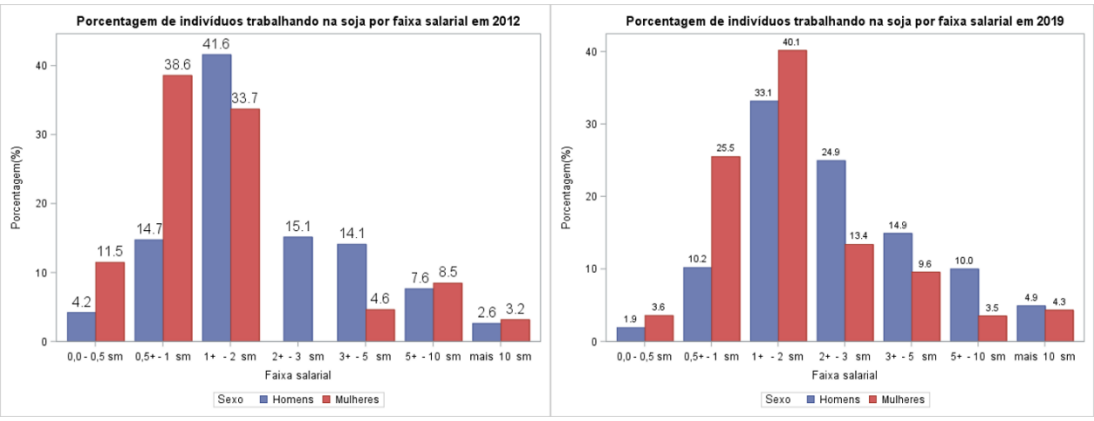


Fonte: Elaboração própria, com base nos dados da PNAD.

Em relação a remunerações, no ano de 2012, a maioria das trabalhadoras auferiu entre meio e um salário mínimo (38,6%). Em seguida, estão aquelas que receberam entre um e dois salários mínimos (33,7%). Apenas 16,3% receberam mais do que três salários mínimos. Já os homens, em sua maioria, receberam entre um e dois salários mínimos (41,8%) e a parcela dos que auferiu mais de três salários mínimos foi de 24,3%.

Conforme mostra a Gráfico 15, em 2019, a maioria das trabalhadoras passou a receber entre um e dois salários mínimos (40,1%), seguidas por aquelas que receberam entre meio e um salário mínimo (25,5%). A proporção de mulheres que auferiu mais que três salários mínimos aumentou, sendo de 17,4%. Contudo, a disparidade em relação às remunerações auferidas pelos homens permanece alta. Estes, em sua maioria, receberam entre um e dois salários mínimos (33,1%), porém a proporção que recebeu acima de três salários foi de 29,8%.

Gráfico 15. Porcentagem de indivíduos trabalhando na soja por faixa salarial em 2012 e 2019



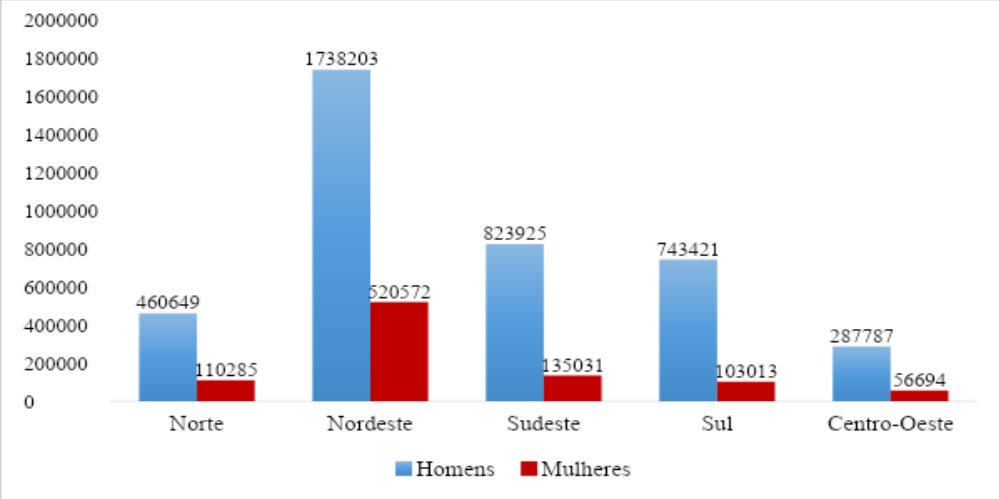
Fonte: elaboração própria com base nos dados da PNAD.

Esses resultados são corroborados pelos obtidos pelo Cepea em 2019, na publicação de Barros et al. (2019), que deu continuidade à pesquisa sobre a atuação da mulher no mercado de trabalho do agronegócio nacional. Os resultados indicaram que, embora as mulheres apresentem, em média, nível de instrução maior do que os homens, sendo esperado que recebessem rendimento médio mais elevado em relação aos homens do setor, na realidade, elas acabam recebendo um salário inferior.

d) Estabelecimentos agropecuários

Segundo os dados do Censo Agropecuário de 2017, existem cinco milhões de estabelecimentos agropecuários no País, os quais empregam 15 milhões de trabalhadores. Destes, 81,1% são homens e 18,5%, mulheres. Destes estabelecimentos, 45% encontram-se na região Nordeste, sendo que 77% possuem homens como produtor e 23%, mulheres. Em seguida está a região Sudeste, com 19%, e a região Sul, com 17% (Gráfico 16). A maioria destes homens e destas mulheres está na faixa etária de 45 a 54 anos de idade, seguida pela faixa de 55 a 64 anos de idade.

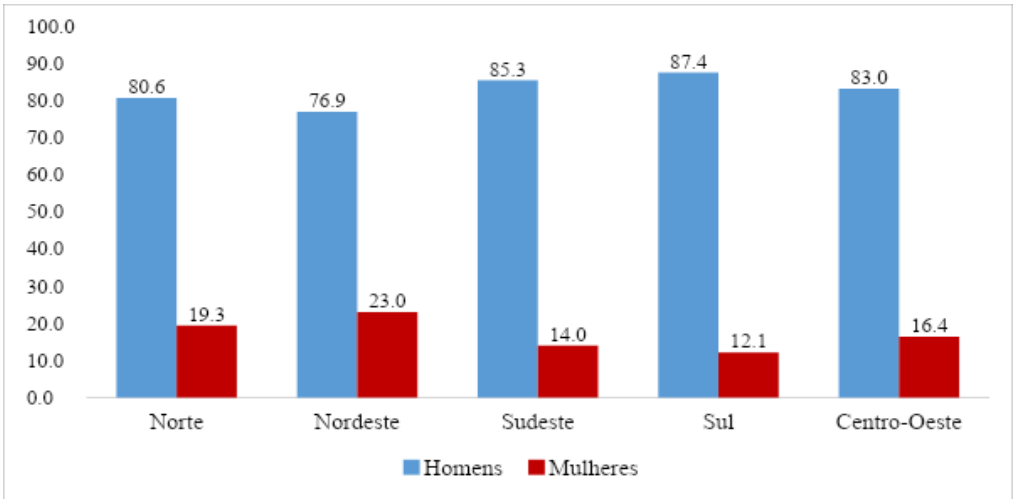
Gráfico 16. Número de estabelecimentos agropecuários por sexo do produtor e por região



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Censo Agropecuário (2017).

A maior diferença entre estabelecimentos com homens e com mulheres como produtores está na região Sul, onde 87% dos estabelecimentos são comandados por homens e apenas 12% por mulheres, de acordo com o Gráfico 17. Em seguida está o Sudeste, na qual os homens são responsáveis por 85% dos estabelecimentos e as mulheres, 14%.

Gráfico 17. Porcentagem de estabelecimentos agropecuários por sexo do produtor e por região

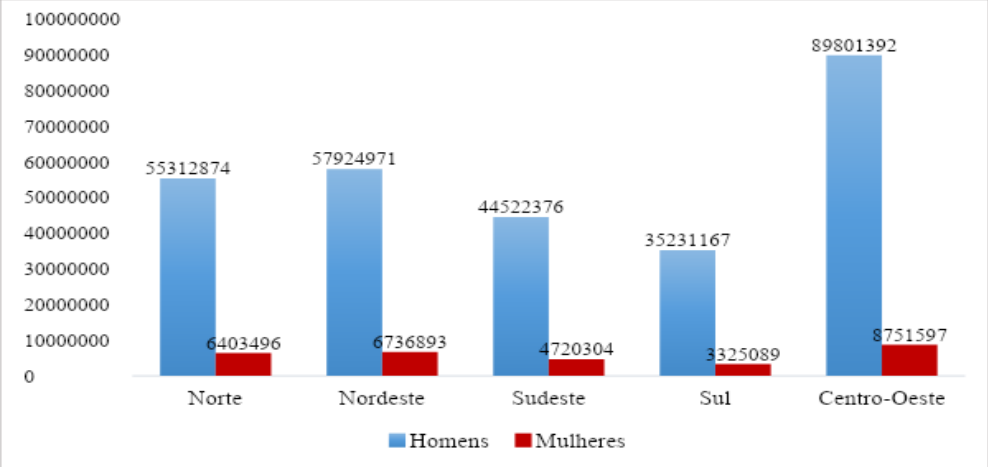


Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Censo Agropecuário (2017).

A Bahia é o estado com a maior quantidade de estabelecimentos agropecuários, somando 755 mil estabelecimentos, dos quais 74% estão nas mãos de produtores homens. Minas Gerais é o segundo estado com a maior quantidade de estabelecimentos agropecuários, com um total de 603 mil, dos quais 85% têm homens como produtores.

Em relação à área dos estabelecimentos, o Centro-Oeste abrange a maior área produtora do País, contando com aproximadamente 98 milhões de hectares. Desta quantidade, homens são produtores em quase 90 milhões de hectares, enquanto as mulheres são produtoras em apenas 8 milhões desta extensão. A próxima região com maior extensão agropecuária é a Nordeste, sendo 64 milhões de hectares, os quais estão distribuídos em 89% com produtores e 11% com produtoras (Gráfico 18). Mato Grosso é o estado com maior área de estabelecimentos agropecuários (48 milhões de hectares) seguido por Minas Gerais (33 milhões de hectares).

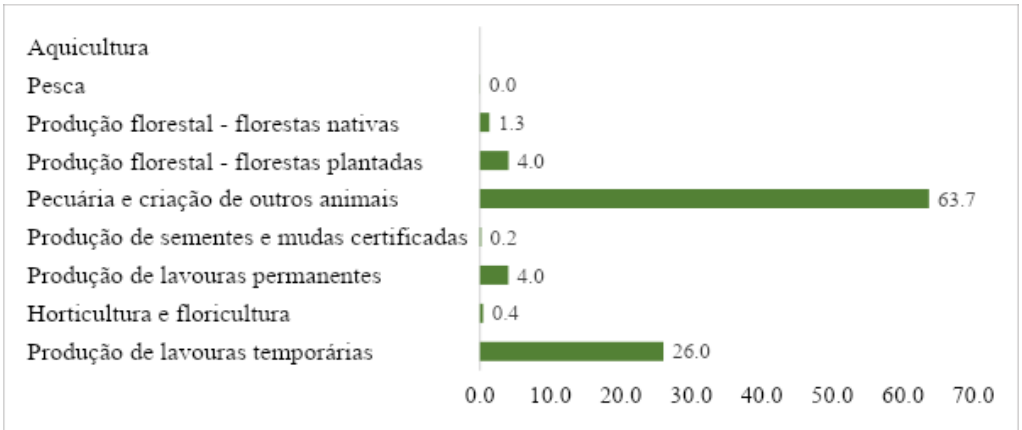
Gráfico 18. Área de estabelecimentos agropecuários (ha) por sexo do produtor e por região



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Censo Agropecuário (2017).

Aproximadamente 64% da área do total dos estabelecimentos agropecuários é dedicada à pecuária e criação de outros animais, seguida pela atividade de produção de lavouras temporárias. As atividades que ocupam menor área são a pesca, produção florestal, produção de sementes e mudas certificadas, produção de lavouras permanentes e horticultura e floricultura (Gráfico 19).

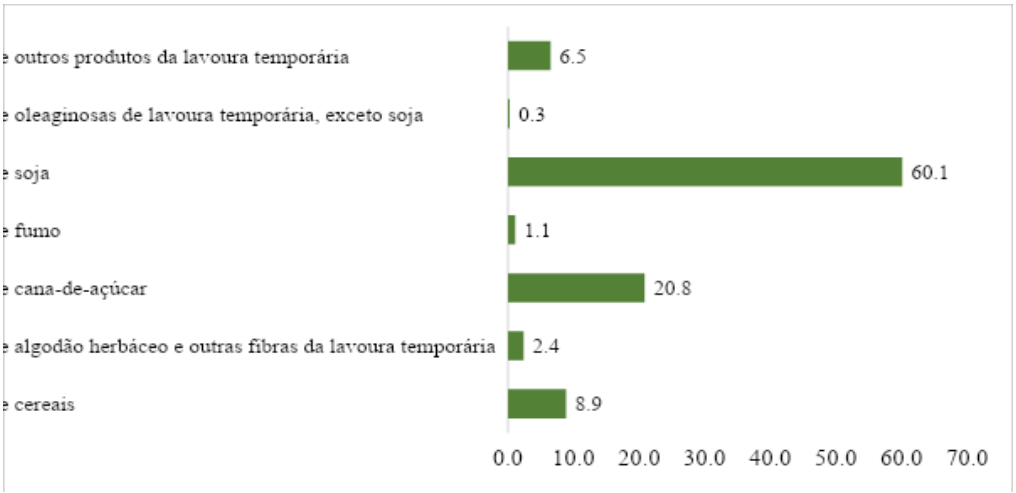
Gráfico 19. Porcentagem da área dos estabelecimentos agropecuários por atividade



Fonte: elaboração própria com base nos dados do Censo Agropecuário (2017).

Como mostra o Gráfico 20, a lavoura temporária da soja é a cultura que ocupa maior área de plantio, com 60%, seguida pelo cultivo de cana-de-açúcar (21%). As culturas que utilizam menores áreas são o cultivo de algodão e demais fibras, de fumo e de demais oleaginosas.

Gráfico 20. Porcentagem da área de lavouras temporárias por cultura



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Censo Agropecuário (2017).

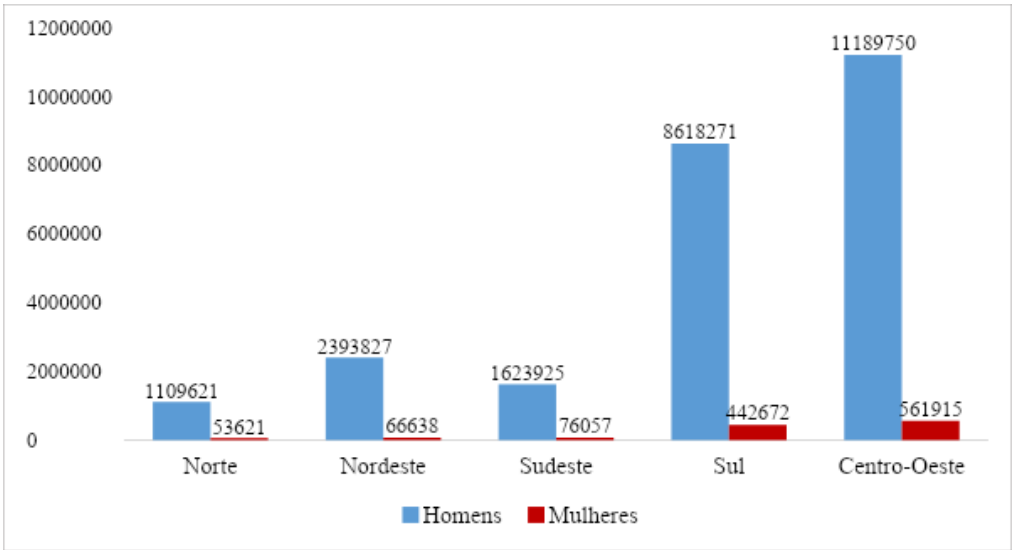
No ano de 2017, existiam 240 mil estabelecimentos agropecuários responsáveis pelo cultivo da soja. Foram colhidos 31 milhões de hectares de soja, produzindo 103 milhões

de toneladas. A previsão para o ano de 2021 que sejam colhidos 38 milhões de hectares e produzidas 127 milhões de toneladas.

Os estados com maior quantidade de estabelecimentos cultivadores de soja são Rio Grande do Sul e Paraná, com 95 mil e 84 mil estabelecimentos, respectivamente. Já os estados com maior área de soja colhida são Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Paraná. Em relação à área destes estabelecimentos, a maior extensão está no Centro-Oeste (11 milhões de hectares), seguido pelo Sul (9 milhões de hectares), conforme exibe o Gráfico 21.

A análise do Gráfico 21 reforça a evidência de que os homens predominam na produção de soja no Brasil, já destacada pelos dados apresentados anteriormente obtidos da PNAD para os anos de 2012 e 2019.

Gráfico 21. Área dos estabelecimentos agropecuários produtores de soja (ha) por sexo do produtor e por região



Fonte: Elaboração própria, com base nos dados do Censo Agropecuário (2017).

3.2. PERCEPÇÃO DAS MULHERES SOBRE DESAFIOS DA INSERÇÃO FEMININA NO SAG DA SOJA

A análise dos discursos mostrou que as entrevistadas percebem uma maior participação feminina na cadeia da soja ao longo do tempo, em consonância com a análise dos dados do IBGE. Além disso, as entrevistadas também observam maior protagonismo feminino em relação à tomada de decisões, de modo que as mulheres têm saído de uma posição em que atuavam como coadjuvantes (quando interagiam com o agro dentro de um ambiente familiar) para assumir posições de maior responsabilidade ao apostarem em suas carreiras profissionais.

No campo, a inserção feminina tem o componente familiar forte. Seja pela sucessão familiar, que cada vez mais ocorre com a presença feminina, seja por uma inserção atrelada ao trabalho dos esposos, essas situações colocam as mulheres em posições de

protagonismo nas tomadas de decisão dentro da porteira. Cerca de 80% das respondentes do questionário online afirmaram que "o processo de sucessão familiar tem aumentado a presença de mulheres no campo" (**Anexo 1**). A percepção das entrevistadas reflete, também, a própria trajetória delas mesmas, como pode ser visto na Nuvem de Palavras da Figura 3.

Figura 3. Nuvem de palavras sobre a trajetória das mulheres do SAG da soja, obtida por meio das entrevistas semiestruturadas. Observação: a nuvem de palavras foi elaborada a partir das respostas das entrevistadas para as questões: " como você começou a trabalhar com soja?" e "Como foi construir esse caminho?".

A trajetória acima descrita também pode ser observada a partir do perfil das 77 mulheres que responderam ao questionário fechado de forma online: 30% delas justificaram sua presença no setor da soja atraídas pela importância econômica do setor e 19% estão no setor pela boa rentabilidade proporcionada. A escolha da área de estudo correlata às agrárias e a oferta de oportunidades profissionais foram relatadas por 17% e 12% das respondentes, respectivamente. Já o aspecto de sucessão aparece em 19% das respondentes que atribuem sua presença pela questão familiar, e 7% declararam ser pela paixão que elas nutrem pelo setor da soja.

Alguns aspectos sobre a inserção da mulher no segmento produtivo chamaram atenção. Existe a percepção de que a presença feminina no segmento produtivo seria mais comum em áreas administrativas do que na área das operações produtivas (atividades à campo, planejamento da safra, etc.). Mesmo assim, as entrevistadas apontam que, entre as funções femininas mais recorrentes na fazenda, destacam-se o controle das finanças, das burocracias, da gestão de pessoas e da compra de insumos e também da comercialização do grão. A presença feminina no escritório é mais comum, mas nem sempre essa presença significa autonomia nas decisões, na opinião das entrevistadas.

As entrevistadas apontam que percebem situações em que essa diferença na organização das atividades pode levar a uma maior valorização de quem está ligado ao conhecimento técnico produtivo – ou seja, na maioria dos homens. No entanto, para elas, essa visão não condiz com os reais desafios do segmento produtivo, à medida em que o ganho de eficiência e a competitividade do negócio estão cada vez mais associados a uma boa gestão da propriedade.

Nesse sentido, todas as entrevistadas, tendo começado na atividade por iniciativa própria ou junto com a família, relataram que sua atuação sempre se deu no intuito de organizar a atividade como **negócio**, contribuindo para a maior profissionalização da atividade como um todo. Isso ficou mais evidente nos casos de sucessão familiar: depois de estudar e voltar para a fazenda, suas primeiras metas foram estruturar um departamento de recursos humanos e melhorar processos administrativos. No questionário fechado, 71% das mulheres concordam que "a maior profissionalização das fazendas cria mais condições para a inserção das mulheres no segmento produtivo" (**Anexo 1**).

> *"Algumas amigas me falam: 'ai, meu pai me enfiou no escritório'... mas ela está ligada à gestão de pessoas. É tudo interligado na fazenda. Eu já pensei muito isso, se isso, de estar no escritório, era algo ruim, pejorativo. Mas hoje não penso mais nisso. Eu tenho experiência em todas as áreas. A gestão e o planejamento das pessoas são mais importantes do que pegar no pesado. Um exemplo: ontem eu fui na lavoura. Fiquei a manhã toda lá, ajudando. Lá não tem sinal. Quando retornei, tinha recebido uma ligação muito importante de um contrato que eu estava fechando. O mercado chegou no preço que eu queria e eu perdi essa oportunidade porque estava lá. Hoje eu vejo a importância da parte administrativa na propriedade. 'Será mesmo que eu tenho que estar lá em cima do trator?' A maioria dos produtores não vê a propriedade como empresa"*

Quando perguntadas sobre características femininas que poderiam beneficiar a mulher que trabalha na cadeia da soja, foram muito citados aspectos ligados ao afeto, ao cuidado e à atenção ao outro. Essas características foram elencadas como centrais para a inserção em todos os segmentos da cadeia da soja. Na percepção das entrevistadas, mulheres se destacam pela elevada capacidade interpessoal, a qual traz muitos benefícios em termos de comunicação, trabalho em equipe, resolução de conflitos, liderança e planejamento. No questionário, 73% das respondentes corroboram que "mulheres têm maior habilidade com a gestão de pessoas nas diversas atividades da cadeia da soja" (**Anexo 1**).

Apesar de reconhecerem a presença feminina em todos os segmentos do sistema agroindustrial da soja, todas as entrevistadas destacaram o fato do agro, no geral, ser um ambiente predominantemente masculino, o que traz desafios à inserção e permanência das mulheres no setor. A Figura 4 traz a Nuvem de Palavras que sintetiza os desafios relacionados à inserção da mulher no sistema agroindustrial da soja.

Figura 4. Nuvem de palavras sobre os desafios das mulheres no SAG da soja, obtida por meio das entrevistas semiestruturadas. Observação: a nuvem de palavras foi elaborada a partir das respostas das entrevistadas para um conjunto de questões como: "Quais os desafios que você enfrentou na sua trajetória profissional? ", "Você acredita que o caminho seria diferente se fosse homem? ", "Você acredita que outras mulheres no setor passaram por situações semelhantes que as suas? ", "Você acha que existem coisas em comum entre as mulheres que atuam na cadeia da soja? ".

A análise de discursos mostrou que a temática do **preconceito** em relação à atuação feminina no setor não pode ser descartada. Importante comentar que, mesmo quando não relataram nenhum episódio pessoal, as entrevistadas reconheciam que situações de preconceito aconteciam ou poderiam acontecer com outras mulheres. Talvez por essa distinção entre experiência pessoal e de seus pares, no questionário fechado, a porcentagem das respondentes que concordam que "as mulheres sofrem preconceito no trabalho no setor" foi de 66% das respondentes (**Anexo 1**).

É importante citar que, algumas entrevistadas que relataram não terem sentido preconceito considerarem esse assunto delicado, se preocupando com um discurso que vincule o preconceito da mulher ao **vitimismo**. Sabendo que o agronegócio é um ambiente tradicionalmente mais masculino, acreditam na importância da determinação e da necessidade de se impor para ocuparem seus espaços.

Outro ponto interessante que se relaciona ao tema é a percepção de que o preconceito não viria só de homens, mas também de outras mulheres. Nesse sentido, reconhecem que existe uma elevada **competição entre mulheres** que já atuam no setor. Assim, compreendem que o processo de inserção pode ser limitado e que, as mulheres que já atuam no setor, podem em algumas situações não adotar práticas que ajudem a aumentar a presença feminina.

Na maioria das situações relatadas, o preconceito é percebido pelas entrevistadas em situações que evidenciam uma **falta de credibilidade** associada à atuação das mulheres. Isso demonstrou estar relacionado a um sentimento comum das mulheres da soja em de "ter que se provar" mais que o homem para ocupar os mesmos espaços.

Nesse sentido, percebem a importância de se impor, de buscar e mostrar conhecimento em suas atividades. As respostas do questionário fechado mostraram que 56% das respondentes concordam que "mulheres precisam estudar e se capacitar mais que homens para trabalhar no agro" e 73% concordam que "quando a mulher possui mais estudo, sua opinião passa a ser mais valorizada". Esses resultados vão ao encontro do exposto com os dados da PNAD sobre a maior capacitação das mulheres no setor, apresentado na seção 3.1.

> *"A mulher precisa provar muito. Ela é testada o tempo todo. O diploma facilita um pouco, porque você volta mais profissionalizada. Tem um cargo e isso te dá respeito. Mas não em todas as situações".*

> *"Não gosto de me colocar numa posição diferente dos colegas. Acho que temos as mesmas oportunidades. O ambiente é mais masculino mesmo. [...] Os maiores desafios foram comigo mesma, de eu me cobrar demais, de estudar, de ir atrás e me envolver com time comercial... [...] Em alguns momentos mulheres tem que gritar mais mesmo. Mas a partir do momento que o time entende, que você se impõe e mostra que é capaz, as coisas fluem".*

A percepção das entrevistadas aponta para a o reconhecimento da existência de um **estereótipo** da imagem feminina, onde a aparência e o comportamento são aspectos que podem contribuir para uma avaliação negativa das profissionais, de sua capacidade e de seus objetivos. As entrevistadas relataram preocupações em serem percebidas como profissionais e se preocupam em diminuir o impacto de sua imagem, vestimenta e

comportamento para evitar situações de **assédio**. No questionário fechado, 51% das respondentes concordam que há assédio no ambiente de trabalho (**Anexo 1**).

> *"Não tem vantagem [ser mulher do agro]...não pode usar certas roupas... não pode fazer unha... tem que passar uma imagem. Às vezes dá um medo de estar no meio da roça, sabe"*

> *"Infelizmente, existe o estereótipo, o julgamento avaliado fisicamente. O perfil que é julgado. Chega na lavoura, e percebe aquela surpresa: 'é mulher'."*

> *"Quando comecei como vendedora, chegava um cliente top que me chamava para fazer a assistência… e o povo dizia que era porque eu era bonita. Eles jogam para esse lado. Nunca é porque você é competente, ou porque seu trabalho é legal. Mas eu fui quebrando isso aí".*

> *"Falar é muito importante. Falar sobe a questão do assédio. Foi muito importante. Porque a partir do momento que os gestores começaram a falar do assunto, as mulheres começaram a contar suas experiências. E os gestores não imaginavam que elas passavam por isso. E isso amedronta o assediador, dá voz ao assediado e inibe o assediador".*

Apesar de perceberem maior presença feminina nos últimos anos, em convergência com os dados da PNAD, 80% das respondentes do questionário online consideram ser necessária maior representatividade das mulheres na cadeia da soja, ao passo que apenas 34% concordam que "há muitas mulheres na cadeia da soja" (**Anexo 1**). Nas entrevistas, a grande maioria das mulheres consideraram que é preciso aumentar as **referências** de mulheres no setor– sobretudo em cargos de liderança, com grande poder de decisão.

No questionário fechado, 90% das respondentes concordam que "ver mais mulheres no agronegócio estimula mais mulheres a ingressarem no setor da soja", comprovando a ideia de que aumentar a visibilidade das mulheres no setor colabora para a superar os desafios ligados à sua inserção (**Anexo 2**).

Nesse contexto, 88% das respondentes do questionário concordam com a necessidade de aumentar nas diretorias institucionais do setor do agronegócio, 87% em aumentar nas associações de classe do setor da soja, e 84% concordam ser importante aumentar a presença feminina na política de modo geral (**Anexo 2**).

A questão da visibilidade de mulheres já atuantes no agronegócio na mídia foi apontada como importante por 91% das respondentes do questionário fechado. Além disso, 87% dessas mulheres indicam que mais pesquisas sobre mulheres na soja podem ajudar a melhorar esse cenário. Outro dado interessante é que 88% das respondentes acreditam ser importante aumentar o acesso à rede de contatos de mulheres atuantes no agronegócio para estimular a inserção feminina no setor (**Anexo 2**).

> *"Imagina, eu... 20 anos atrás rodando o Tocantins! Se a mulher lá me vê e pensa: se essa mulher, pode trabalhar, eu também posso... e se tem*

uma mulher liderando uma propriedade, ela também me faz refletir, se tem uma mulher liderando uma área, pode ter uma mulher na empresa. E vice-versa. É uma via de mão dupla. O vice-versa é o mais importante. Se o meu líder negocia com outra mulher, ele abre espaço para me ver nessa posição também. Sinto que eu também influenciei mulheres mais jovens... elas me viam, abre possibilidade, sabe? ".

"Infelizmente, pela nossa história, é difícil falar 'chefe' e imaginar uma mulher. A gente pensa que líder é um homem. Então, à medida que mais mulheres forem assumindo essa posição, vai aumentar a presença feminina no Agro. Hoje tem vários exemplos de mulheres que ocupam cargos de liderança [...] Estamos melhorando.".

"Os meios de comunicação ajudaram muito a mostrar a mulher do Agro. Fizeram atingir o imaginário. A mostrar o seu protagonismo. Comunicadores e agentes de pesquisa podem ajudar a mulher a se ver como protagonista: a mulher é protagonista e não como alguém que ajuda, mas como um agente de negócio".

Um aspecto importante, já discutido na análise de dados da PNAD, é que há uma **discrepância entre a remuneração** média entre homens e mulheres no setor produtivo da soja. Duas produtoras comentaram que, para a família aceitar a sua inserção profissional nos negócios da fazenda, elas tiveram que trabalhar um tempo sem remuneração. Assim, a **remuneração** também é um desafio na inserção das mulheres no setor.

Esse aspecto também foi avaliado pelas respostas do questionário online: das 77 respondentes, 64% acreditam que as mulheres recebem menos que os homens na mesma função. No questionário foi feito um questionamento sobre a sensibilidade em termos numéricos das respondentes sobre a questão de remuneração no setor, quando apresentado que a média indicada pela PNAD dos salários dos homens era de R$ 3.500 mensais, e em seguida solicitado para que elas indicassem – em suas opiniões - qual seria a faixa salarial da mulher em mesma ocupação no setor, 49% indicaram que a remuneração mensal das mulheres estaria entre R$ 1.500 a R$ 3.000.

Outro conjunto de desafios que são percebidos pelas mulheres entrevistadas se relacionam à **infraestrutura**. O isolamento das regiões de produção, problemas logísticos relacionados ao acesso, ausência de acomodações, banheiros, além de serviços básicos (como escolas e atendimento médico), são aspectos citados que dificultam a inserção feminina no setor. As entrevistadas relatam dificuldades cotidianas que diminuem a atratividade do agro para a inserção feminina.

Além disso, algumas qualificaram que os desafios de atuar numa região sem infraestrutura, distante da família e sem acesso a serviços e estilos de vida mais confortáveis são centrais para algumas mulheres não se candidatarem às vagas – e também para algumas empresas preferirem contratar homens. No entanto, as entrevistadas percebem uma melhoria no posicionamento das empresas do setor em relação a esse desafio.

> *"Em alguns ramos, as coisas são mais difíceis que em outros. A vida no campo não é uma vida fácil. Às vezes a gente não está lá porque a gente não quer. Se pra crescer eu tiver que ir para lá [citou localidade mais isolada], desculpa, eu não vou, vou ficar nessa posição aqui mesmo. "*

> *"É um trabalho de formiguinha.... Porque fico sabendo das histórias.... A pessoa quer um gerente agrícola e eu fico sabendo que querem um homem, então eu vou investigar saber.... Dou um jeito de ir mudando essa realidade. Normalmente a resposta é: 'as nossas estruturas não estão preparadas'. 'Eu sei, e isso é um problema seu. Refaça sua estrutura, a empresa tem que receber todo mundo'. Na soja, está mudando. A equipe feminina de vendas aumentou... tem acontecido mobilização nas redes sociais.... A roda está girando. "*

> *"O agro precisa ATRAIR mulheres, senão vai morrer. [...] O agro precisa entender que ele não restringe a presença da mulher... realmente, eu sou exemplo que não, eu cheguei onde eu cheguei..., mas ele não atrai... não muda o ambiente, não promove posições pensando na mulher... então, se ele entende que "se ela se esforçar ela chega", não é querer a mulher ali.".*

No levantamento do questionário online, 92% das respondentes também apontem como importante a melhoria na infraestrutura no campo para uma maior inserção das mulheres no setor (**Anexo 2**). Assim, 42% das respondentes do questionário concordam que a infraestrutura é um fator limitante para a mulher estar no agronegócio e 40% concordam que a "preocupação com a segurança física das mulheres é um critério de menor inserção no campo" (**Anexo 1**). O trabalho no agronegócio é considerado duro e 83% das respondentes do questionário fechado concordam que as mulheres precisam vencer seus medos e ter coragem para se inserirem na soja (**Anexo 2**).

O questionário fechado também procurou avaliar ações e aspectos importantes na percepção das mulheres para aumentar a sua inserção no SAG da soja. Cerca de 90% das respondentes acreditam que é preciso aumentar ações das empresas como estímulos para inserção feminina. Cerca de 78% concordam que planos de carreiras específicos sejam importantes (**Anexo 2**).

Essas observações se relacionam com a percepção das entrevistadas sobre a exigência de um certo **desprendimento** por parte das mulheres em relação a questão familiar para alcançar promoções. A **maternidade** foi citada como um desafio para a conciliação entre trabalho e o planejamento da vida pessoal e familiar – sobretudo quando, na própria estrutura familiar, ocorre a divisão desigual das tarefas domésticas e da parentalidade.

O tema é sensível e pode gerar reações diferentes, dependendo da forma como abordado. No questionário fechado, a percepção das respondentes sobre o efeito da maternidade na inserção das mulheres no setor foi dividida. Diante da afirmativa de que "a maternidade diminui possibilidades de atuação das mulheres no setor da soja", 45% das respondentes discordaram, enquanto 40% concordam e 15% foram indiferentes à afirmativa (**Anexo 1**).

Nesse sentido, as entrevistas colaboraram com uma informação útil que pode explicar a divergência sobre o tema. Para as entrevistas que eram mães e para aquelas que planejam ser, a maternidade poderia afetar a progressão na carreira profissional (mas não necessariamente a inserção no setor), a medida em que cargos mais altos podem estar associados aos desafios de dedicar mais tempo ao trabalho e de oferecer maior flexibilidade nos horários (sobretudo diante de imprevistos).

Além disso, a maternidade demanda infraestrutura como escolas, atendimento médico e uma organização logística para executar as rotinas necessárias para se conciliar família e trabalho. As entrevistadas percebem, de modo geral, que as mulheres possuem maior responsabilidade sobre a organização e a operacionalização das rotinas familiares, de modo que sua ausência no âmbito doméstico precisa ser mais planejada. Desse modo, ponderam que mães podem não conseguir oferecer a mesma flexibilidade que pais frente às demandas profissionais (as quais envolvem hora extra, viagens, happy hour, imprevistos com prazos, e também ausências do ambiente de trabalho por conta de licença maternidade, levar filhos ao médico, participar de reuniões da escola, etc).

> *"Existe um funil claro que é a maternidade. Mulheres saem de licença e muitas não voltam. E as empresas precisam pensar estratégias para lidar com isso. As empresas precisam pensar na possibilidade de creches... naquela época eu pensava: o que me manteria neste emprego pra sempre? Seria uma creche. Se tivesse uma creche, eu teria outro filho. E também a política de flexibilidade de trabalho. Além de flexibilidade e creche, acho essencial a licença paternidade. Acho muito importante que as empresas pensem nisso também. [...]. Conheço várias mulheres que trabalham na ponta, na fazenda, na hora de virar mãe, abriram mão do serviço... porque é difícil, pegar carro, estrada... já grávidas não iam mais, nem as empresas tinham coragem de mandar a funcionária. "*

> *"Não tive dificuldade para chegar onde cheguei, mas nas próximas posições, talvez tenha... tem isso, em cada posição tem que abrir mão de alguma coisa... Eu não sei se quero uma posição de diretoria, eu tenho uma filha... [...]Um filho é uma responsabilidade muito grande e uma auto cobrança muito grande [...] eu não vou abrir mão de ir na festinha do fim de ano dela, sabe?*

> *"Aquele trabalho que roda muito, sai segunda e volta na sexta, essa rotina quando a mulher tem filhos, pega um pouco mais. É mais comum a mulher trabalhando e dando conta na casa que o homem".*

BOX 1. O que é importante para aumentar a quantidade de mulheres atuando no SAG da soja?

No questionário fechado, foram apresentadas algumas iniciativas e sugestões para que as respondentes avaliassem temas importantes para elevar o número de mulher no setor:

N**etwork**:

90% concordam que "ter acesso a pessoas e empresas que são referência no agronegócio" seja importante

84% destacam "ter um espaço para trocas de experiência"

79% acreditam que "acesso a congressos e eventos voltados para a mulher no agronegócio"

D**esenvolvimento de habilidades e estudos**:

84% concordam ser importante ter mais discussão sobre inovação

83% dizem que desenvolver maior habilidade interpessoal e de comunicação

81% concordam que ter acesso a capacitação em gestão de pessoas e liderança

70% afirmam que ter acesso a cursos de capacitação técnica voltados para produção

66% consideram importante de ter acesso a capacitação na área administrativa

61% acham que ter acesso a conteúdo sobre sucessão familiar

Autoestima

70% gostaria de ter maior confiança em si mesma.

O Anexo 3 traz mais informações.

3.3. PERCEPÇÃO DAS MULHERES SOBRE DESAFIOS DO SAG DA SOJA

A nuvem de palavras, representada na Figura 5, mostra que, na percepção das mulheres entrevistadas, os maiores desafios do sistema agroindustrial da soja atualmente são imagem e a sustentabilidade. Clima, Produtividade e Manejo aparecem na sequência.

Figura 5. Nuvem de palavras sobre os desafios da soja. Observação: a nuvem de palavras foi elaborada a partir das respostas das entrevistadas para a questão "Quais os desafios que existem na cadeia da soja? ".

Trabalhar a **imagem** do agro foi considerado o maior desafio do SAG da soja pelas entrevistadas. Sua percepção é de que a imagem do agro é mal trabalhada, gerando conflitos entre os atores da sociedade. O principal ponto que afeta negativamente a imagem da cadeia da soja é a associação da atividade com o desmatamento e com uso excessivo de agrotóxicos[3], o que coloca o setor como um "vilão ambiental".

Na percepção das entrevistadas que atuam nos segmentos antes da porteira, predomina falta de conhecimento e desinformação da sociedade em relação à realidade produtiva, sobretudo desconhecimento sobre as exigências da legislação – a qual é percebida como eficiente para promover o equilíbrio entre produção e meio ambiente. Outra percepção das entrevistadas é que apenas uma minoria dos produtores não cumpriria a legislação e que, portanto, colaboraria para a "imagem de vilão" do setor.

Entrevistadas que atuam em tradings chamam a atenção para a necessidade de os agentes da cadeia trabalharem em conjunto e com transparência para mostrar os avanços já conquistados, mas também elencando os pontos que precisam ser trabalhados para que uma imagem do setor mais próxima de sustentabilidade seja difundida. As entrevistadas deste segmento percebem que as dificuldades de comunicação entre os agentes podem

[3] Embora haja uma gama possível de termos que possam substituir a designação "agrotóxicos" (como "agroquímicos", "defensivos agrícolas", "pesticidas", "praguicidas", "biocidas", "produtos fitofarmacêuticos" e "produtos fitossanitários"), optou-se por manter essa citação uma vez que esta foi a forma como originalmente as entrevistadas se referiram à temática.

contribuir para conflitos e polarização acerca da questão, afetando negativamente a imagem do setor.

As entrevistadas das organizações concordam com essa necessidade de coordenação entre agentes, tanto para mostrar como para trazer a sustentabilidade imbuída no processo produtivo. Também apontam para um discurso de maior aproximação do consumidor, que não tem familiaridade com a produção agropecuária.

> *"A gente faz muitas coisas legal, mas não consegue [comunicar]... tem dois eixos extremos: ambientalistas dizendo que somos os piores dos piores e as instituições do agro dizendo que somos os melhores dos melhores... e na verdade a gente tem coisas boas e coisas ruins. A gente não consegue ser transparente 100%. E isso é bem ruim. A gente poderia estar junto, reforçando as coisas boas e correndo atrás das ruins... e não avança, fica no embate. "*

> *"Como fazer para que pessoas que estão fora da porteira entendam que ela é também parte dessa cadeia do agro? Ela pode comer carne ou orgânico, ela pode ser vegana, ela faz parte do agro. Todo mundo que come faz parte do agro. É preciso ter um discurso educativo. Claro, tem sempre onde melhorar. Sempre dá para fazer mais. O Agro pode melhorar ainda mais".*

As respostas derivadas do questionário online mostram que, 79% das mulheres concordam que a imagem do setor é o maior desafio para o sistema agroindustrial da soja (**Anexo 6**), enquanto 90% concordaram que a "a imagem da cadeia da soja pode ser melhorada"(**Anexo 4**). Nesse sentido, 61% discordam que "a comunicação do setor junto à sociedade sobre as técnicas de produção é bem-feita" e 83% das respondentes concordam sobre a necessidade de "desenvolver uma linguagem mais próxima entre campo e cidade" (**Anexo 4**). Também 61% das respondentes concordaram que "não há motivos para haver uma imagem negativa do agronegócio brasileiro" (**Anexo 4**).

No questionário online, foi perguntado às respondentes sobre os agentes que teriam mais condições de trabalhar na mudança da imagem do setor. Para resultados 47% das respondentes, a mudança da imagem do agronegócio deve ser feita pelos consumidores; para 45% e 42% das respondentes, são os produtores de soja e as organizações não governamentais, respectivamente, quem podem contribuir para a mudança da imagem do setor junto à sociedade (**Anexo 5**). Para 42% das respondentes discordam que a indústria tem esse papel; e, 47% discordam que o governo pode mudar essa imagem(**Anexo 5**).

Vinculada à questão da imagem, a **sustentabilidade** aparece como o segundo desafio mais citado pelas entrevistadas – tanto no sentido de se trabalhar melhor o tema para melhorar a imagem do setor como também para de fato aumentar a sua adoção prática. O levantamento online também identificou a sustentabilidade como desafio importante para 60% das respondentes (**Anexo 6**), enquanto 84% das mulheres concordam que "a pressão dos consumidores por sustentabilidade é importante" (**Anexo 7**).

Observa-se que as entrevistadas compreendem que o desafio da sustentabilidade envolve desenvolver um diálogo de responsabilidade e de financiamento da sustentabilidade pelos agentes do setor, diminuir polarizações e ressignificar o termo, que, ao ser associado a desmatamento ou empregado de forma incompleta, tem sido esvaziado em discussões.

Esse esvaziamento foi constatado, também, na análise de percepção sobre o termo "sustentabilidade".

> *"A soja é a cadeia que a gente tem maior possibilidade de expandir sem pensar em desmatamento... mas a gente tem um desafio muito grande que é a sustentabilidade, ela ficou confundida com o desmatamento... por causa da desconexão entre os elos da cadeia [...] sobre questão das queimadas, não tinha articulação de defesa... os dados mesmo são muito recentes. A soja tem que reverter essa imagem e definitivamente abraçar agenda da sustentabilidade. Não por a gente ser bacana. Abraçar árvore e ser ecológico, porque é uma demanda do consumidor e do mundo porque a gente tem que produzir com menos impacto. Tem que descolar a cadeia da soja do agro ilegal, aquilo não é o produtor sério..., mas a gente precisa garantir que absorve a agenda de sustentabilidade. "*

A preocupação com o **clima** apareceu como o terceiro desafio mais citado nas entrevistas, sendo citado sobretudo pelas profissionais dos segmentos de insumos e produtoras. Por meio das entrevistas, foi possível observar que o risco climático se associa, sobretudo, a percepção de uma maior variabilidade no regime de chuvas, especialmente nas regiões de fronteira, como no Matopiba. Não se pode afirmar que exista uma percepção geral de relação entre clima e sustentabilidade por parte das entrevistadas, uma vez que esta associação foi feita por apenas uma entrevistada.

No questionário online, 75% das respondentes concordaram que mudanças climáticas são um desafio importante para o setor (**Anexo 6**).

Na sequência, destaca-se o desafio de elevar a **produtividade**, citado sobretudo pelas mulheres atuantes nos segmentos de insumos e produtivo. No questionário fechado, 90% das respondentes concordaram que a produtividade está também associada aos desafios da cadeia da soja.

As entrevistadas citaram, como aspectos produtivos importantes e desafios tecnológicos da produção da soja: manejo, variedades mais adaptáveis à região, resistência às pragas, assistência técnica, melhorar a qualidade do solo, sementes geneticamente modificadas, treinamento de mão de obra e pesquisa agrícola. Todos esses desafios, que pertencem à dimensão produtiva e afetam a produtividade, também estão ligados à questão da sustentabilidade – sobretudo pela dimensão de mitigação de efeitos ambientais.

Algumas entrevistadas têm a percepção de que a profissionalização ainda é um desafio para o setor e que a maior parte das fazendas de soja não é encarada como um **negócio** – o que geraria falhas na gestão dos recursos e planejamento das atividades. Essas preocupações, apesar de serem de uma minoria na entrevista, foram identificadas por 74% das respondentes do questionário fechado(**Anexo 7**).

O processo de **sucessão familiar** das fazendas de soja também foi citado como um desafio pelas entrevistadas, por representar uma mudança de paradigma que se vê no campo. Nesse sentido, as entrevistadas percebem que o tema da sucessão se relaciona com conflito geracional, mas também com o uso de tecnologias de informação, com a sistematização de dados e com inovações na organização corporativa da fazenda. Esses temas aparecem como aspectos delicados que podem dificultar o processo de sucessão,

mas, ao mesmo tempo, as inovações são destacadas pelas entrevistadas essenciais para o sucesso financeiro da atividade.

Esses elementos se unem à percepção de que o nível de **competitividade** se elevou nos últimos anos, dada a globalização da atividade. Com isso, também se elevam os riscos relacionados à comercialização, como por exemplo, os efeitos da variação do câmbio sobre os rendimentos. Há o desafio de manter o nível de **investimentos**, o que requer, também, financiamento. Nesse sentido, algumas entrevistadas destacaram a importância do planejamento das atividades, o que também está vinculado a uma maior coordenação dos agentes do setor.

Esse tema se aproxima da questão da **infraestrutura** e **logística,** também apontados pelas entrevistadas como desafios. Essas preocupações foram destacadas também no questionário fechado por respectivamente 65% e 58% das respostas coletadas (**Anexo 6**). Uma pequena minoria das entrevistadas relaciona esses temas ao desenvolvimento territorial, apesar de ser um tema correlato à infraestrutura.

"É preciso aumentar as ações voltadas para o desenvolvimento de cidades do agro, porque as diferenças sociais existem e persistem. [...]. Você vê o IDH da região, vê a renda per capita, observa que é alta... mas o índice de Gini é baixo, ou seja, poucas pessoas tem muito e muitos tem pouco. O desafio é esse, desenvolver cadeias [...]intercalar as grandes ilhas que existem aqui".

3.4. PERCEPÇÃO DAS MULHERES SOBRE SUSTENTABILIDADE

A percepção da sustentabilidade das entrevistadas foi obtida a partir da análise do discurso e da categorização dos atributos levantados. Estes atributos foram organizados em 7 a e estas foram – as quais compõem um mapa de configuração que evidencia os termos mais ou menos próximos à percepção de sustentabilidade (Figura 6).

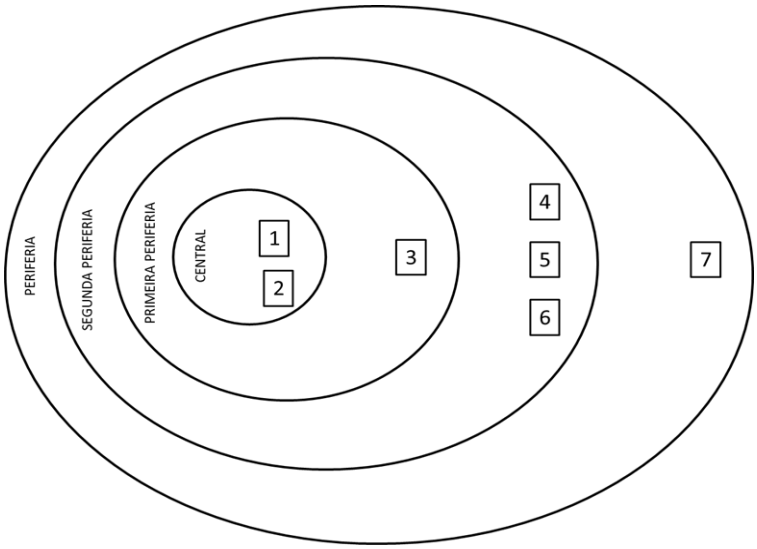


Figura 6: Mapa de configuração de imagem para o termo "sustentabilidade". Legenda: 1-Econômico; 2-Ambiental; 3-Produtividade; 4-Equilíbrio; 5-Esvaziamento; 6- Limite;

7-Social. Observação: o mapa de configuração de imagem foi elaborado a partir das respostas das entrevistadas para a questão "O que você entende por sustentabilidade? ".

Os resultados mostram com clareza que a percepção central sobre sustentabilidade para as entrevistadas está relacionada primordialmente à ***dimensão econômica***.

Essa categoria de análise condensou preocupações relacionadas à rentabilidade e à viabilidade econômica para a perenidade do negócio. O discurso evidencia que a sustentabilidade é percebida como um valor monetário. Todos os segmentos que compõem o sistema agroindustrial, de forma similar, compreendem que a certificação, a rastreabilidade e a adoção de práticas sustentáveis geram valor e aumentam a competitividade.

Quando perguntadas se sustentabilidade era uma oportunidade ou um desafio, 26,7% das entrevistadas responderam que era oportunidade; 13,3% disseram que era um desafio e 60% responderam que era tanto oportunidade quanto desafio. Cerca de 80% das respondentes do questionário online concordam que "é preciso mais incentivo financeiro para alcançar a sustentabilidade no campo" (**Anexo 7**).

> *"[Sustentabilidade] tem um pouco de desafio e um pouco de oportunidade: tem que superar muita coisa para chegar no padrão de sustentabilidade pregado e necessário. E é uma oportunidade para entrar nesse nicho e estourar. Meu cliente final quer saber de onde vem a minha soja e vai pagar mais sobre isso".*

Em resumo, é central na percepção das entrevistadas que a sustentabilidade gera valor monetário. Esse valor pode ser percebido como vantagens competitivas no curto prazo, por conta de um mercado consumidor mais exigente. Pode, também, ser compreendido como uma reserva de valor no longo prazo, já que ações sustentáveis são percebidas como meios de se evitar gastos relacionados à exaustão do ecossistema que, por consequência, afeta negativamente a atividade produtiva.

Dessa forma, também se observa a compreensão de que o processo produtivo pode gerar passivos, sobretudo ambiental e que, por isso, a sustentabilidade é uma meta a ser perseguida. Assim, a **dimensão ambiental** também está posicionada no centro do mapa de configuração de sustentabilidade. No questionário fechado, 95% das respondentes concordam que "o Meio Ambiente e sua conservação é sustentabilidade" (**Anexo 7**).

> "*Sustentabilidade é expandir sem desmatar, ganhar produtividade - mas sem intensificar demais e impactar demais o meio ambiente. É o balanço entre saúde ambiental e produção".*

A maior preocupação ambiental se dá sobre os impactos do desmatamento (sobre o meio ambiente e sobre a imagem do agro); e sobre presença de resíduos químicos e seus efeitos para a saúde humana e resistência de pragas.

É preciso destacar que a grande maioria das entrevistadas (independente do segmento em que atuam), mesmo elencando o combate ao desmatamento como tópico importante associado à sustentabilidade, também considera que a prática está restrita a um número muito pequeno de produtores, mas que isso traz danos à imagem do setor. Somente uma

minoria das entrevistadas consideram que desmatamento não é só um desafio relacionado a uma imagem negativa do setor, a medida em que ainda se faz necessário o seu monitoramento e combate. Nese sentido, destacam que este é um desafio complexo, pois envolve conflitos sobre responsabilização e financiamento de alternativas sustentáveis – ou seja, como serão repartidos ônus e bônus.

A presença de resíduos químicos é citada como parte do passivo ambiental. Apesar de haver várias formas de se referir aos produtos químicos utilizados na produção agrícola (como os termos "agroquímicos", "defensivos agrícolas", "pesticidas", "praguicidas", "biocidas", "produtos fitofarmacêuticos" e "produtos fitossanitários"), é interessante notar que as entrevistadas escolheram utilizar o termo "agrotóxico" para abordar o assunto – talvez pelo fato da palavra ressaltar o sentido da toxicidade e evidenciar a preocupação que a sociedade possa ter sobre isso. Ao contrário do desmatamento, a temática só foi abordada por entrevistadas que atuam até a porteira (insumos, funcionárias de fazendas e produtoras).

Para essas entrevistadas que atuam mais próximas à produção de soja, existe a percepção de que a sustentabilidade ocorre quando os insumos produtivos são usados corretamente para não haver resíduos químicos que comprometam a saúde do consumidor ou gerem resistência de pragas. Desse modo, existe o reconhecimento de que o uso de insumos biológicos ajuda no manejo produtivo e evita a resistência de pragas.

No entanto, é muito coesa a percepção entre as entrevistadas que atuam nos segmentos antes da porteira (insumos e produção) de que a cobrança sobre diminuição do uso de agrotóxicos viria de um desconhecimento da realidade produtiva. Apesar de haver a percepção de que, em algum grau, a resistência de pragas por conta do excesso de agrotóxicos é uma realidade, as entrevistadas também consideram que a produção de soja, mesmo usando agrotóxicos, é segura quando se trabalha com os limites estabelecidos pela legislação.

Nesse sentido, é importante destacar que o atributo **"limite"** (que está na segunda periferia do mapa) se relaciona à dimensão ambiental, já que a maioria das entrevistadas relaciona que as práticas sustentáveis são aquelas que ocorrem dentro de limites, sejam morais ou legais, que não ponham em risco as gerações futuras. Parte das entrevistadas percebe a legislação como elemento central para evitar desmatamento e também para delimitar as quantidades seguras para uso de agroquímicos. Nesse sentido, demonstram que percebem o desmatamento e o uso excessivo de agroquímicos como riscos à sustentabilidade, mas acreditam que essas práticas são eficientemente coibidas pela legislação ambiental.

No questionário fechado, 78% das entrevistadas afirmaram que é preciso ter maior consciência para ampliar as práticas sustentáveis no setor e 60% das mulheres concordaram que a sustentabilidade é um desafio. Também é importante dizer que 53% das respondentes avaliam que a maioria dos produtores de soja seguem práticas sustentáveis (**Anexo 7**).

> *"Sustentabilidade é um equilíbrio. Ser sustentável é não passar dos limites! Primeiro, tem que ter consciência de que aquele produto vai para outras pessoas... é ter responsabilidade, pra que algo que não afete de maneira errada quem vai consumir. Uma má prática é exagerar nos agrotóxicos, porque dá mais resistência de pragas e ele [produtor] também consome o produto".*

"Nós, produtores, trabalhamos muito na área sustentável e as pessoas de fora não imagina. Tudo o que faz na fazenda tem um critério, segue uma norma... A construção tem metragem, as aplicações têm doses… um dessecador, tem teste para ele ser usado… O produtor trabalha em cima de dosagem. Lava vasilhame, devolve vasilhame. Só quem está na fazenda para ver como a gente consegue produzir mais na mesma terra e seguindo todas as regras, as doses… que é necessário para produzir. [...]A gente usa o químico não é pra prejudicar, é dentro do que pode".

Diante dos passivos ambientais derivados da produção de soja, as entrevistadas elencaram que "*produzir mais com menos*" é garantir sustentabilidade. Desse modo, a categoria "***produtividade***" é o terceiro elemento que mais se liga à percepção de sustentabilidade e está presente na primeira periferia do mapa. Observa-se que esta categoria compartilha da lógica econômica: a adoção de tecnologias para uso eficiente de recursos possui um impacto ambiental positivo (percebido como valor), gera redução do custo unitário e maior rentabilidade.

Ao aparecer isolada na primeira periferia do mapa, depois da dimensão econômica e da ambiental, a produtividade fortalece a percepção de que sustentabilidade é um valor. O aumento da eficiência por área leva à diminuição do uso de recursos naturais ou de insumos que gerem passivos. Isso desloca, com certa força, o debate de sustentabilidade para o campo produtivo, em que a esfera tecnológica se liga à econômica para selecionar as práticas que poderão ser adotadas visando o aumento de sustentabilidade. Dentro dessa categoria, estão contidas as percepções sobre práticas produtivas e tecnologias consideradas sustentáveis pelas entrevistadas. Foram citadas práticas como *"controle biológico", "plantio direto", "integração lavoura-pecuária e lavoura-pecuária-floresta", "agricultura de precisão", "irrigação", "sementes geneticamente modificadas", "desenvolvimento de variedades mais adaptáveis à região do Matopiba"* e "*uso de biológicos para aumentar a biodiversidade e qualidade do solo*".

"Sustentabilidade é produzir mais em menos espaço. A população vai aumentar, a demanda por grãos vai aumentar e nós não vamos conseguir aumentar as áreas agricultáveis".

"Um exemplo, semente geneticamente modificada. Acho isso sustentável... uso menos recurso em termos de defensivo. É mais produtividade".

"Controle biológico é sustentabilidade: melhora a qualidade do solo, diminui custo, diminui uso de químico. Não é comum ter esse profissional, mas tem crescido. [...] A gente entrar com biológico para diminuir uso químico. É um uso preventivo".

Existe, portanto, uma associação forte da percepção da sustentabilidade ligada a premissa de uma atividade econômica rentável, que deve, por meio do aumento da produtividade, principalmente, compensar seus passivos ambientais. Assim, a sustentabilidade, na

percepção das entrevistadas, seria atingida ao "*minimizar impactos*" para que haja maior **equilíbrio**. Este atributo está presente na segunda periferia do mapa de configuração e corresponde à percepção do "tripé" da sustentabilidade – ou seja, a compreensão de que sustentabilidade é valorizar de forma equânime os aspectos econômicos, ambientais e sociais dada a sua inseparabilidade.

> *"[Sustentabilidade] é buscar um ambiente de negócios para um setor e cadeia que pudesse enxergar as três linhas. A primeira, o lucro (demonstrativo financeiro), a segunda o ambiental e a terceira o social. As três deveriam ter peso igual e ser transparente. O green não é sustentável se não for lucrativo. Mas a gente precisa de ter uma estratégia que olhe o lucro em balanço com o impacto ambiental e social. Se isso vai ser traduzido mais pra frente em redução da emissão de carbono, ou qualquer indicador mensurável (emissão é o mais concreto) e melhoria da sociedade e que você está inserido, dos seus funcionários... mas eu defino sustentabilidade com essas três vertentes: quanto mais equilibrado essas vertentes, mais o negócio é sustentável".*

No entanto, as entrevistadas perceberem com menos intensidade a sustentabilidade ligada à **dimensão social** – atributo mais fracamente ligado ao tema, estando isolado na periferia do mapa de configuração. Quando citada, a dimensão social da sustentabilidade é entendida em termos de desenvolvimento territorial e relações de trabalho (como "um bom ambiente de trabalho" ou "condições boas para funcionários"). No entanto, no questionário online, 83% das respondentes concordam que "sustentabilidade está ligado ao desenvolvimento regional" e 91% das respondentes concordam que as relações de trabalho fazem parte da sustentabilidade (**Anexo 7**).

Este resultado reforça que, na maioria das vezes, a ideia de equilíbrio está relacionada à identificação mais fácil de possíveis passivos ambientais, em detrimento de passivos sociais. As entrevistadas percebem que existe dificuldade em se compreender e se aplicar a sustentabilidade de forma, o que contribui para o "**esvaziamento**" do termo – segunda categoria presente na segunda periferia do mapa. Há, portanto, uma percepção relativamente forte de que o termo "sustentabilidade" foi esvaziado devido a um uso genérico e superficial. Assim, o termo está mais associado à demagogia que à prática, sendo considerado "banalizado". Essa percepção é verificada em todos os segmentos do sistema agroindustrial da soja.

Enquanto entrevistadas de organizações tendem a compreender o esvaziamento do termo em decorrência do uso desassociado ao "tripé", as entrevistadas pertencentes às áreas de insumos e funcionárias de fazenda acreditam na dificuldade de implementação da sustentabilidade pelo termo ser complexo e empregado como marketing – ou seja, por haver uma adoção do discurso da sustentabilidade, mas uma baixa implementação dele. Nas tradings, a compreensão é de que o termo é esvaziado porque levanta conflitos, pois responsabilização, repartição de ônus e bônus entre os integrantes do sistema agroindustrial não fica claro e muitas vezes não há consensos propositivos.

Nesse sentido, a análise dos discursos mostrou que as entrevistadas percebem que o termo sustentabilidade está ligado a uma imagem negativa do setor. A grande maioria das entrevistadas considera que o esvaziamento do tema deriva de um debate conflituoso e possivelmente polarizado sobre as práticas produtivas do setor. Como já discutido

anteriormente, o assunto se liga às preocupações sobre a comunicação do setor junto à sociedade. Algumas entrevistadas consideram que as pressões quanto à adoção de práticas produtivas mais sustentáveis seriam cabíveis, mas aconteceriam, muitas vezes, de forma desproporcional e sem levar em conta informações importantes sobre o setor.

BOX 2. Existe alguma relação entre sustentabilidade e mulher no SAG da soja?

Apenas 10% das entrevistadas não souberam opinar sobre uma possível relação entre sustentabilidade e a presença feminina.

23,3% das entrevistadas consideraram que não há diferença entre homens e mulheres em relação ao avanço da sustentabilidade. Consideram que a sustentabilidade é um desafio para o setor e que gênero não influencia na sua condução.

66,7% das mulheres acreditam que a presença feminina contribui para o fortalecimento da sustentabilidade no sistema agroindustrial da soja.

A percepção dessa maioria se baseia em quatro pontos:

1) Mulheres exercem mais empatia e afeto em suas relações interpessoais e, por isso, percebem melhor questões coletivas e de longo prazo. Por isso, têm certa facilidade em realizar um bom planejamento e gestão de recursos.

2) Mulheres são criativas e abertas à inovação e a sustentabilidade chega como uma inovação, que gera valor para o setor.

3) Mulheres valorizam o aprendizado para se inserir no setor e buscam conhecimento para tal, se preparando para lidar com temas sensíveis, como a sustentabilidade.

4) Mulheres são determinadas e resilientes, perfil importante para desenvolver temáticas complexas e conflituosas, como é o caso da sustentabilidade. Além disso, sabem abordar temas com estratégia e usar da diplomacia e persuasão em negociações.

A seguir, algumas frases selecionadas das entrevistas:

"As mulheres que estão chegando têm muito interesse em sustentabilidade. Elas entendem que sustentabilidade não é um apêndice, é parte do negócio. [...] E mulheres conseguem se comunicar de forma menos agressiva, a gente consegue negociar sem brigar, sem aumentar a voz, na base de argumento. [...]. E se a gente quer melhorar e progredir, temos

que encontrar sinergias. E acho que mulheres são muito boas em negociar"

"É uma relação de responsabilidade. A mulher se preocupa mais, tem visão mais consciente. Tem um olhar mais " negociável", no sentido de compensar a ação".

"Mulher tem um cuidado, muito maior com questões ambientais. Porque às vezes são pequenos detalhes que o homem não percebe, não se liga... e não é coincidência que a maioria das pessoas que trabalham nos setores de sustentabilidade [de empresas] são mulheres. A gente tem uma sensibilidade mais aflorada, talvez usando mais do emocional para mostrar que isso [sustentabilidade] funciona. "

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O SAG da soja vem passando por muitas mudanças nos últimos anos. A sua internacionalização culminou no aumento da competitividade global, ao mesmo tempo em que a demanda firme reflete na necessidade de se pensar estratégias para o desenvolvimento sustentável do setor.

O presente estudo teve o objetivo de levantar dados sobre a presença feminina no SAG da soja no Brasil e sobre a percepção das mulheres quanto: aos desafios de sua inserção profissional no setor; aos desafios do SAG da soja; a sustentabilidade. Para isso, se apoiou em um conjunto de metodologias que, de um lado, analisou quantitativamente os dados sociais e demográficos do IBGE (PNAD e Censo Agropecuário), e, de outro, explorou, por meio de pesquisa qualitativa, as percepções de mulheres que atuam no setor.

Os dados da PNAD mostram que, na região de Matopiba, fronteira produtiva da soja, a proporção de mulheres que atuaram nas lavouras do grão vem aumentando. Se, em 2012, as mulheres respondiam por 6% dos 18,5 mil trabalhadores, em 2019, responderam por 9% de 24,6 mil trabalhadores.

Quando perguntadas sobre porque atuavam no setor, 30% das respondentes do questionário online se referiram à sua importância econômica; 19%, à boa rentabilidade oferecida, 19%, por sucessão familiar, 17% indicaram a busca de uma colocação por terem formação correlata às áreas agrárias, e 7% se referiram à paixão que sentem pela atividade como principal motivador.

Um dos pontos levantados pelo estudo é que a inserção feminina tem se dado por meio da maior qualificação. De modo geral, a escolaridade dos trabalhadores, independente do gênero, aumentou de 2012 para 2019, segundo dados da PNAD. No entanto, em 2019, observou-se, proporcionalmente, uma quantidade maior de mulheres do que de homens com ensino médio e nível superior no país. A pesquisa qualitativa deste estudo mostrou que, por identificarem situações de preconceito e falta de credibilidade em sua atuação profissional, as mulheres percebem a necessidade de "se provarem mais". Assim,

acreditam ser importante desenvolver habilidades e conhecimentos, buscar network e troca de experiência, assim como ter maior confiança em si mesmas, para garantirem seus espaços. Mais de 70% das respondentes da pesquisa concordam que “quando a mulher possui mais estudo, sua opinião passa a ser mais valorizada”.

Julgadas pelo estereótipo, por vezes expostas ao assédio, as mulheres são, em média, mais qualificadas que os homens, mas recebem rendimentos menores. Os dados da PNAD apontam que, de 2012 para 2019, a discrepância entre a remuneração de homens e mulheres diminuiu – mas ainda é significativa.

A falta de referências, sobretudo em lideranças e cargos de decisão, é enxergada como um dos principais desafios para elevar a presença feminina no setor. Nesse sentido, 90% das respondentes concordam que “ver mais mulheres no agronegócio estimula mais mulheres a ingressarem no setor da soja”.

O isolamento das regiões de produção, problemas logísticos relacionados ao acesso, ausência de acomodações, banheiros, além de serviços básicos (como escolas e atendimento à saúde) são problemas de infraestrutura sérios que, se não afastam, diminuem a inserção feminina. Na percepção das entrevistadas, a progressão na carreira pode ser afetada por essas questões, uma vez que promoções podem envolver transferências para regiões isoladas, além de um maior “desprendimento” em relação à família. Além da preocupação com sua segurança física que o contexto de baixa infraestrutura social enseja, também possuem o desafio de conciliar profissão e família – sobretudo quando, na própria estrutura familiar, ocorre a divisão desigual das tarefas domésticas e do cuidado com os filhos, com sobrecarga feminina para planejar e operacionalizar a rotina familiar.

Mesmo diante desses desafios, as entrevistadas percebem que, ao longo do tempo, as mulheres têm saído de uma posição tradicional de coadjuvantes para assumir maior protagonismo nas decisões de trabalho. Esse processo acontece em meio a um contexto dinâmico, que envolve a sucessão familiar, a profissionalização do setor, o aumento da competitividade e a necessidade de buscar inovações.

No campo, apesar de sentirem que são menos valorizadas por não atuarem na maioria das vezes diretamente na dimensão técnica e operacional da produção do grão, defendem que é justamente a sua contribuição na administração e gestão dos recursos que eleva a eficiência e a competitividade do negócio.

Cientes dos desafios produtivos, interessadas em oportunidades de qualificação, abertas à inovação, atentas às questões coletivas e de longo prazo, as mulheres percebem que podem estruturar negócios mais sustentáveis contando com sua elevada capacidade interpessoal e habilidade em resolução de conflitos.

Um resultado importante da pesquisa é que as mulheres percebem que a sustentabilidade gera valor monetário ao setor, seja no curto prazo (por conta da maior competitividade e exigência dos consumidores) ou no longo prazo (por evitar gastos relacionados à exaustão do ecossistema que, por consequência, afeta negativamente a atividade produtiva).

Os passivos percebidos são, sobretudo, os ambientais: desmatamento e excesso de uso de agrotóxico. Mas a maioria das entrevistadas acredita que a legislação é um parâmetro elevado e eficiente para coibir tais práticas e que apenas uma minoria de produtores adotaria ações insustentáveis do ponto de vista ambiental.

É preciso fazer essa distinção porque a pesquisa mostra que apenas uma minoria de entrevistadas associa o termo sustentabilidade à dimensão social e ao desenvolvimento

territorial, apesar da temática ser correlata à infraestrutura – que percebem como desafio. No entanto, quando responderam ao questionário fechado, que lhes dava a categoria de análise, 83% das mulheres concordam que "sustentabilidade está ligado ao desenvolvimento regional".

O estudo mostra que o debate da sustentabilidade suscita conflitos sobre responsabilização. Isso contribui não apenas para uma imagem negativa do setor como também para a percepção de um desgaste em relação ao tema da sustentabilidade e de uma polarização nos posicionamentos. Na percepção das mulheres, esses fatores tornam o debate sobre sustentabilidade um campo minado. Por isso, existe o desafio de se estabelecer um diálogo sobre sustentabilidade sem que este contribua ainda mais para o esvaziamento do termo, ao mesmo tempo em que é preciso organizar estratégias para garantir que o setor se desvincule da imagem de "vilão ambiental".

Nesse sentido, é importante criar novas narrativas e métricas para conduzir a temática da sustentabilidade. Abordar este tema a partir da imagem do agro, que é um ponto pacífico entre os agentes do setor, pode ser uma alternativa. Mas também é possível criar estratégias dentro de cada uma das categorias levantadas na análise do discurso para aproveitar suas potencialidades. Há temas que não se apresentam como centrais para a identificação da sustentabilidade, mas que podem ser utilizados para o seu avanço, como sucessão, gestão de recursos, liderança e inovação. A presença feminina tem se fortalecido nessas áreas e pode ser um vetor para fortalecer o debate sobre o desenvolvimento sustentável para o SAG da soja.

Por fim, é preciso reconhecer que, apesar de não ter estabelecido uma amostra estatisticamente relevante, a pesquisa qualitativa (estruturada por meio de dois levantamentos distintos visando diminuir subjetividades) colaborou com uma análise exploratória que pinçou temas relevantes que devem ser melhor estudados para, assim, contribuir com o desenvolvimento sustentável do setor.

AGRADECIMENTOS

A CI-Brasil, pela parceria e pela oportunidade de contribuir com a geração de dados úteis para o setor.

As entrevistadas e respondentes, pela confiança em nosso trabalho e por nos inspirar com suas histórias. Esse estudo só existe por causa de vocês.

REFERÊNCIAS

BARROS, G.S.C.; CASTRO, N.R.; GILIO, L.; SOUZA JUNIOR, M.L.; MORAIS, A.C.P.; ALMEIDA, A.N. Mulheres no Agronegócio. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), Piracicaba, v.1, n.1, 2018.

BARROS, G.S.C.; CASTRO, N.R.; GILIO, L.; SOUZA JUNIOR, M.L.; MORAIS, A.C.P.; ALMEIDA, A.N. Mulheres no Agronegócio. Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), Piracicaba, v.1, n.3, 2019.

BERNARD, H. R. Research Methods in Anthropology: qualitative and quantitative approaches. 5ed. Plymouth: AltaMira Press. 2011.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Femininos**, v.12 n.1. Florianópolis, 2004.

SCHULER, M. Management of the organizational image: a method for organizational image configuration. Corporate Reputation Review, v.7, n.1; pag.: 37- 53, London: Spring 2004.

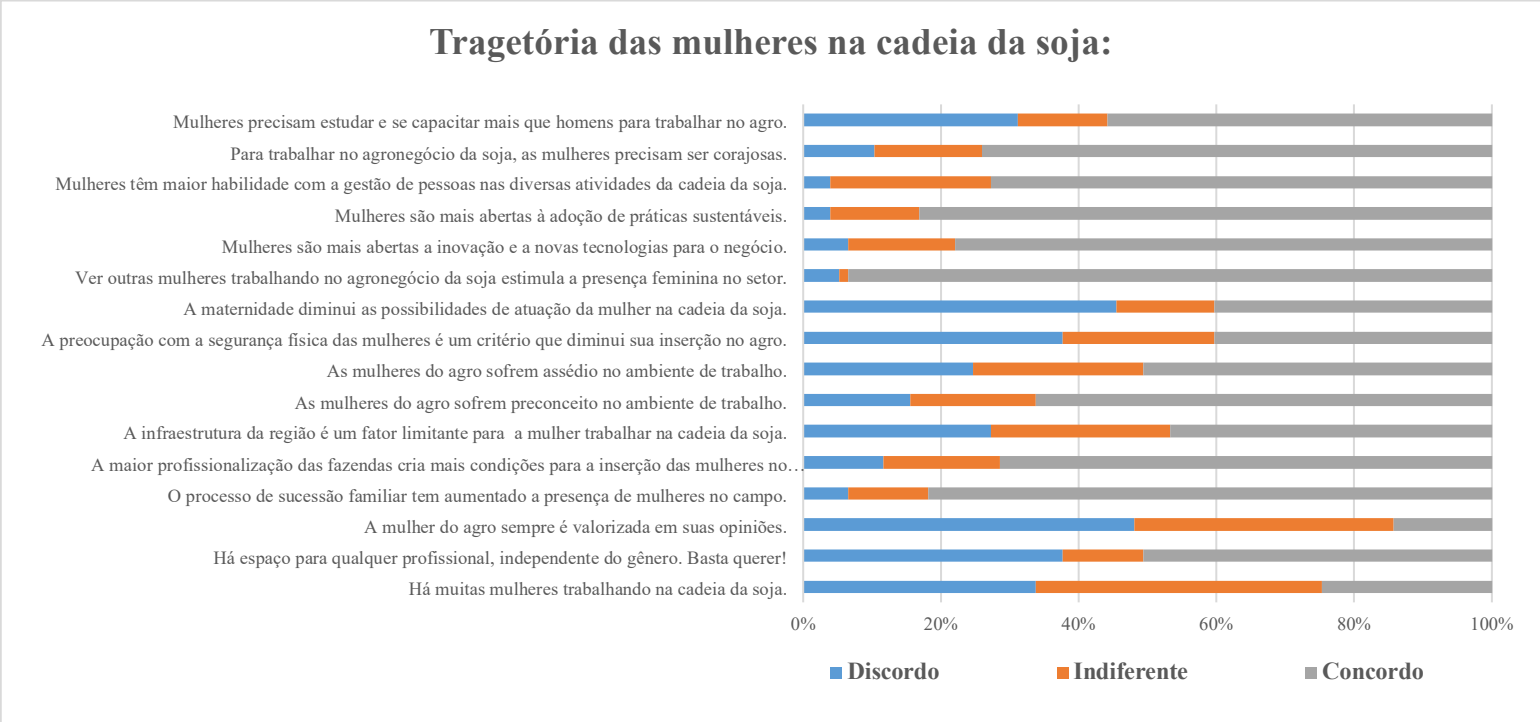
SPANEVELLO, R. M.; MATTE, A.; BOSCARDIN, M. Crédito rural na perspectiva das mulheres trabalhadoras rurais da agricultura familiar: uma análise do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), **Polis** [Online], v. 44, 2016.

ZORZI, A. **Uma análise crítica da noção de empoderamento com base no acesso das agricultoras ao Pronaf-Mulher em Ijuí-RS**. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre.

ZYLBERSZTAJN, D. Conceitos Gerais, evolução e apresentação dos sistemas agroindustriais. In: Zilbersztajn, D.; Neves, M. F. (Orgs.) Economia e negócios agroalimentares. São Paulo, Pioneira, 2000.

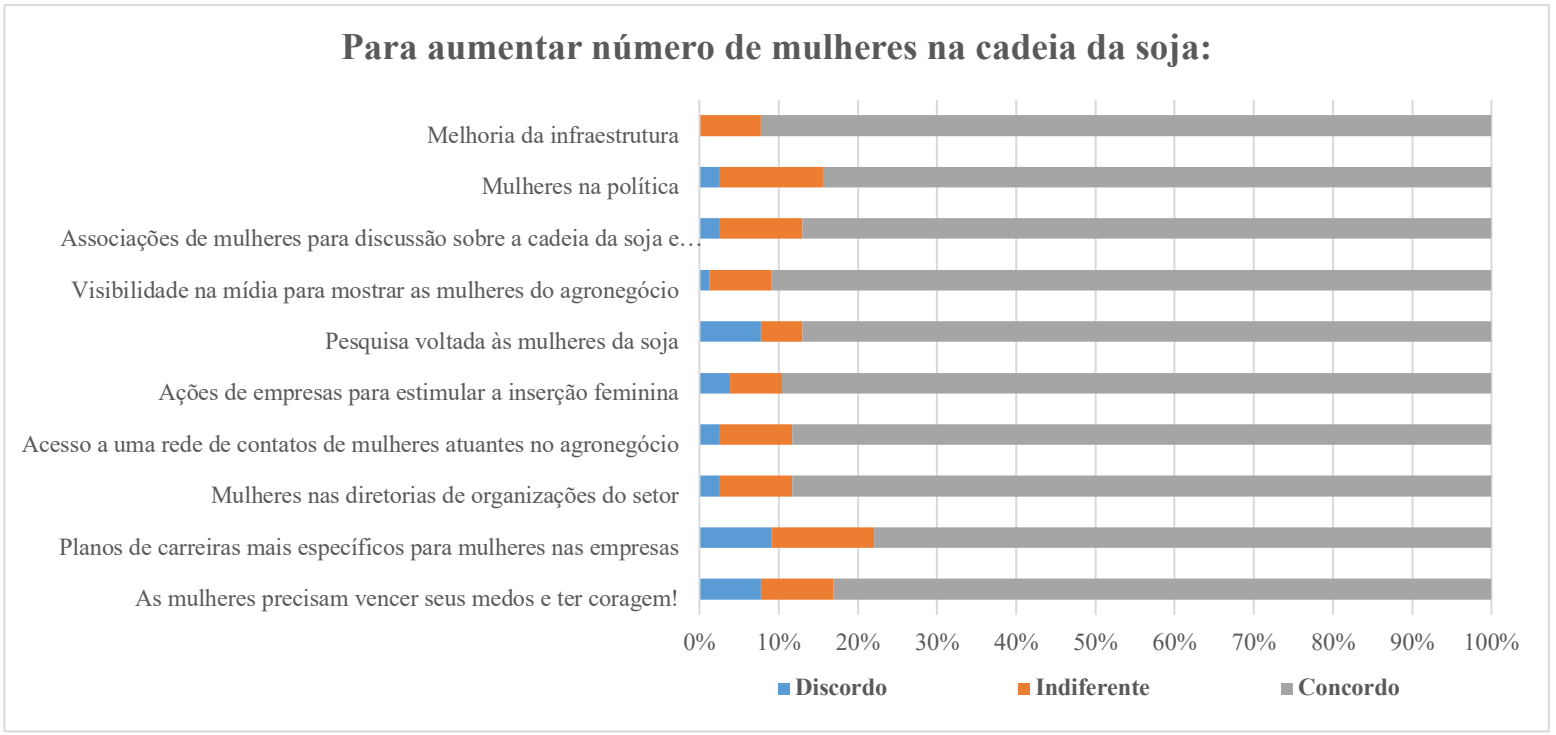
ANEXOS

Anexo 1. Respostas do questionário on-line sobre a Trajetória das mulheres que se inseriram no sistema agroindustrial da soja



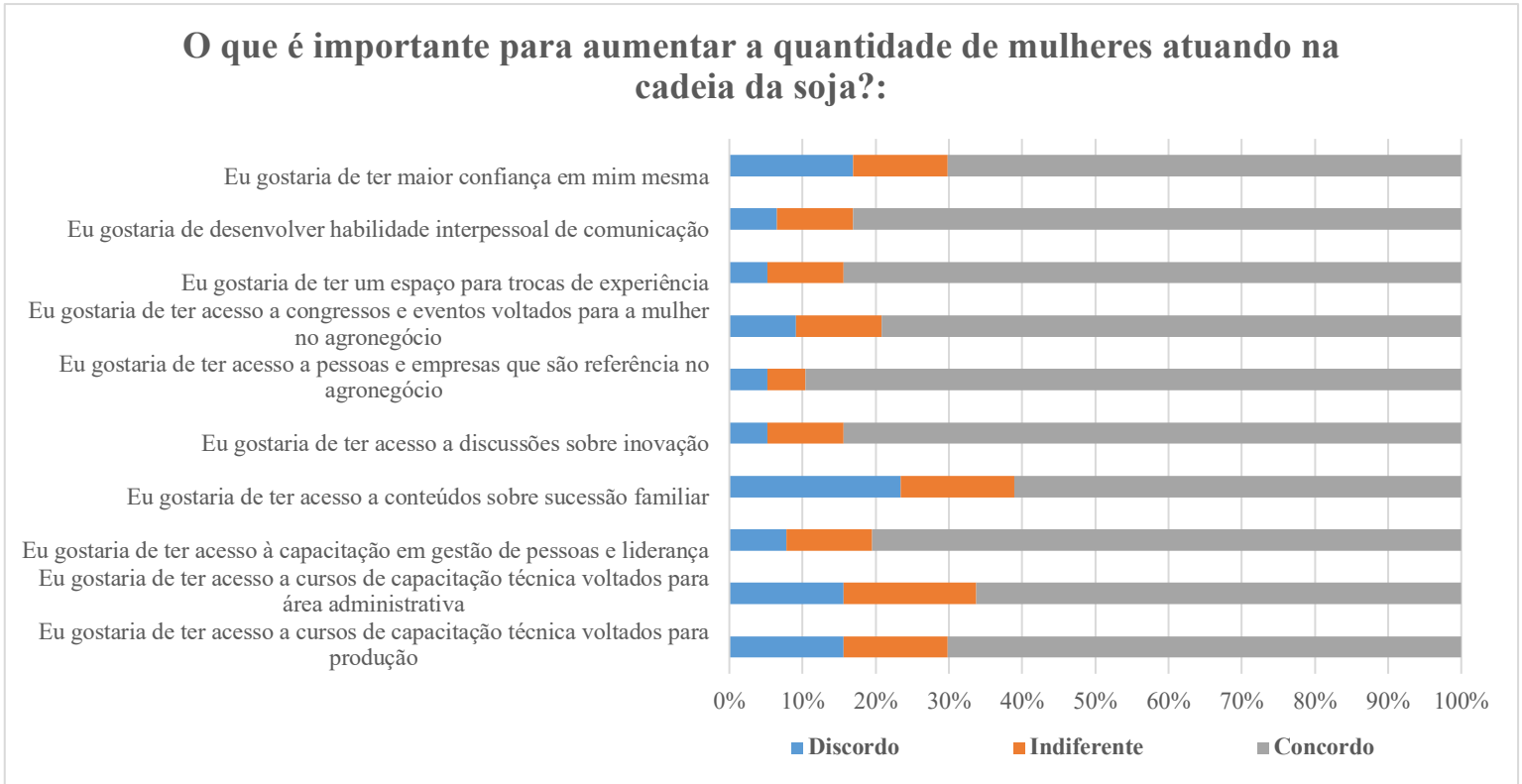
Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Anexo 2. Respostas do questionário on-line sobre como aumentar a participação das mulheres no sistema agroindustrial da soja



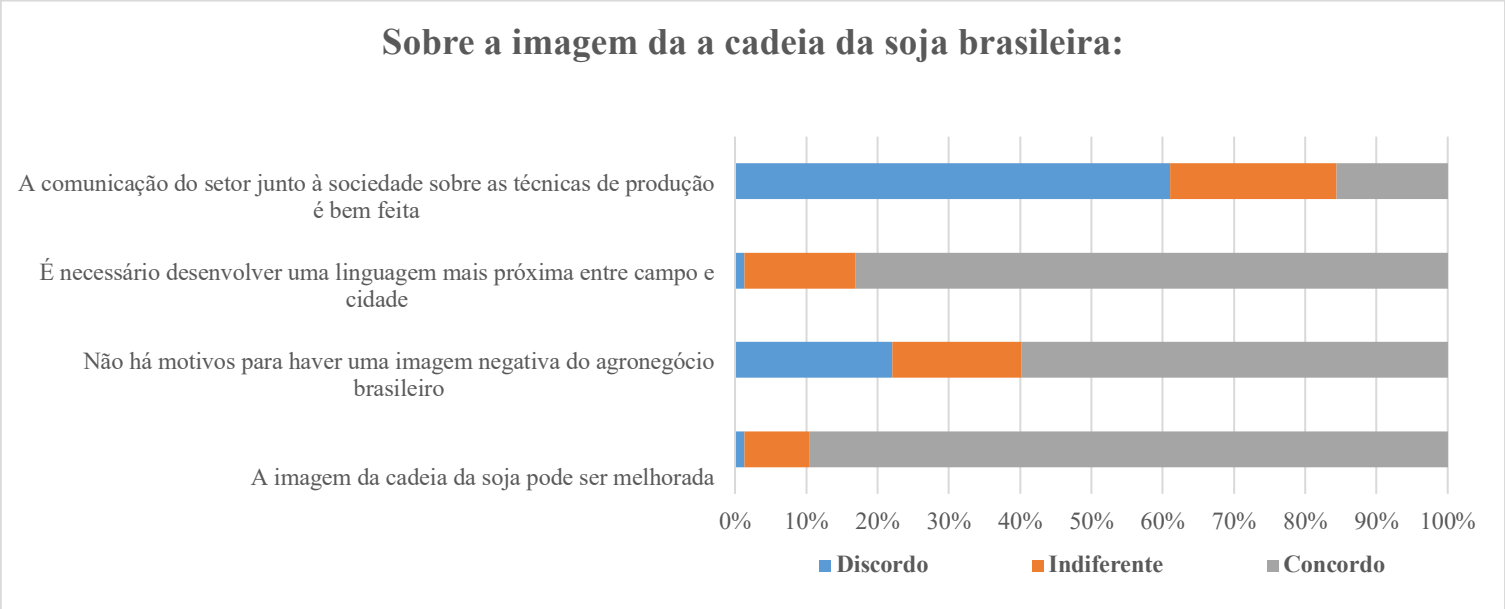
Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Anexo 3. Respostas do questionário on-line sobre o que é importante para aumentar a quantidade de mulheres atuando mulheres no sistema agroindustrial da soja



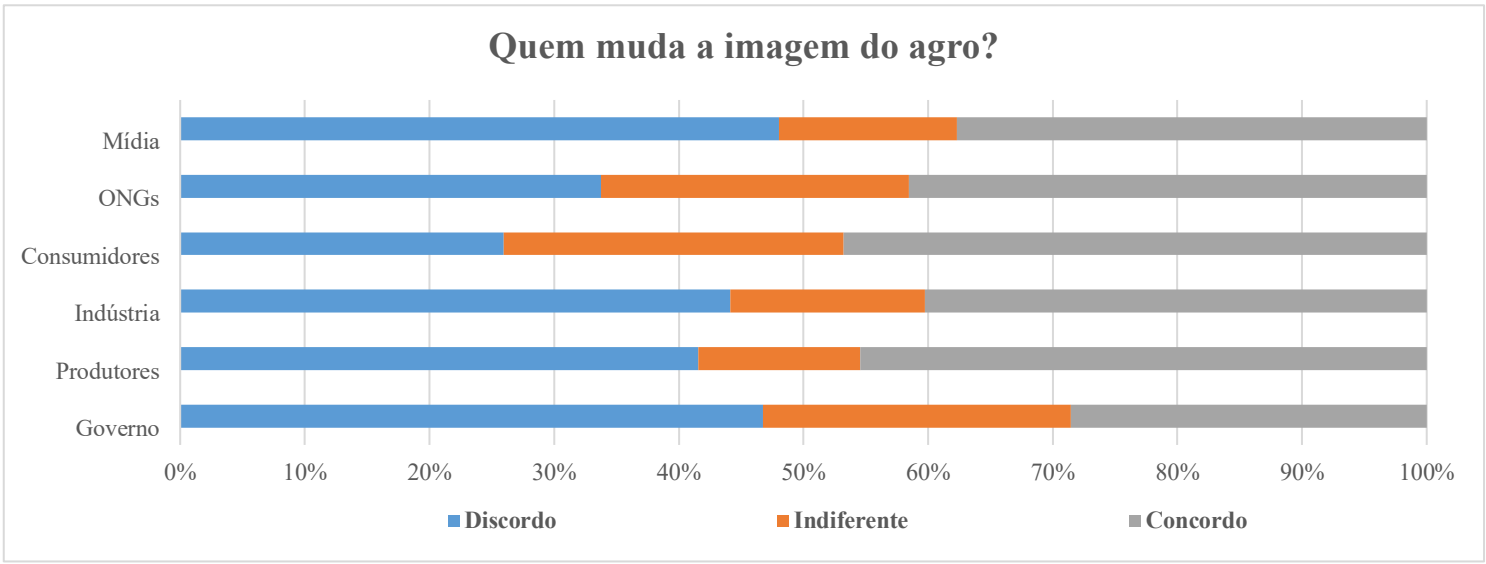
Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Anexo 4. Respostas do questionário on-line sobrea imagem do sistema agroindustrial da soja



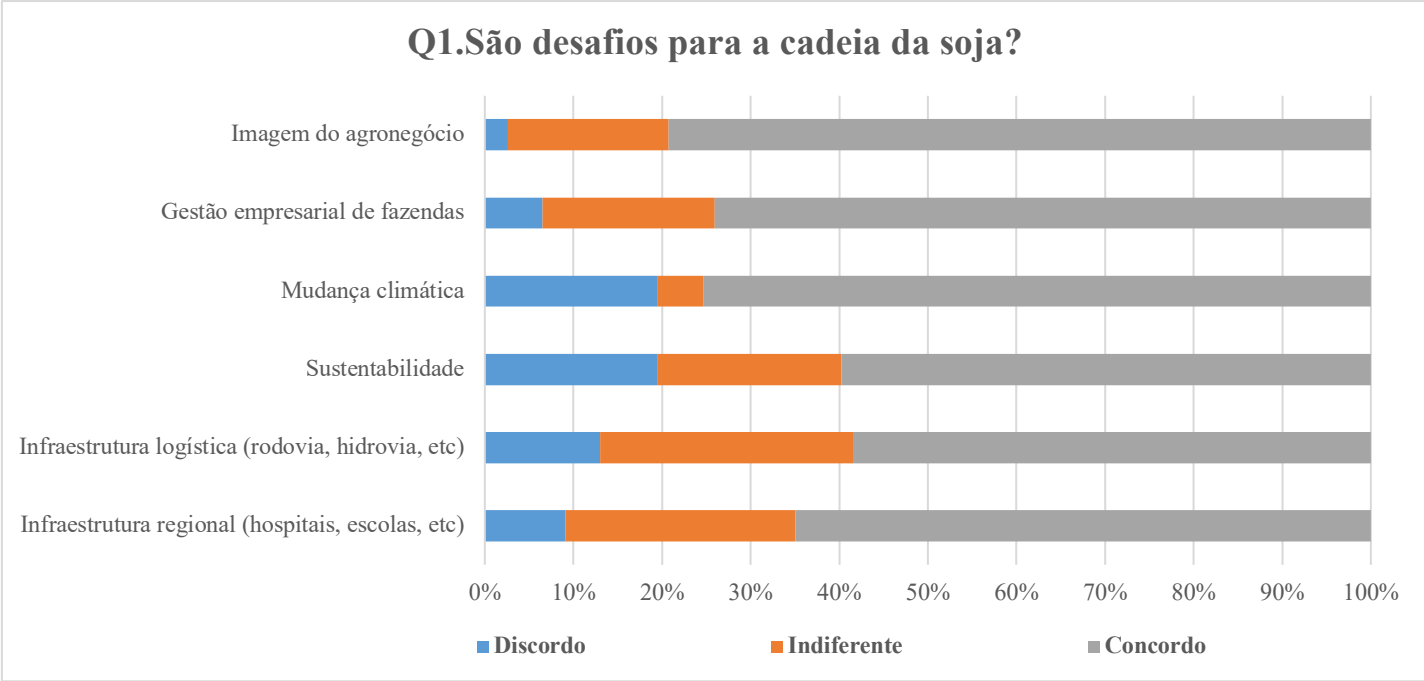
Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Anexo 5. Respostas do questionário on-line sobrea quem muda a imagem do agronegócio da soja



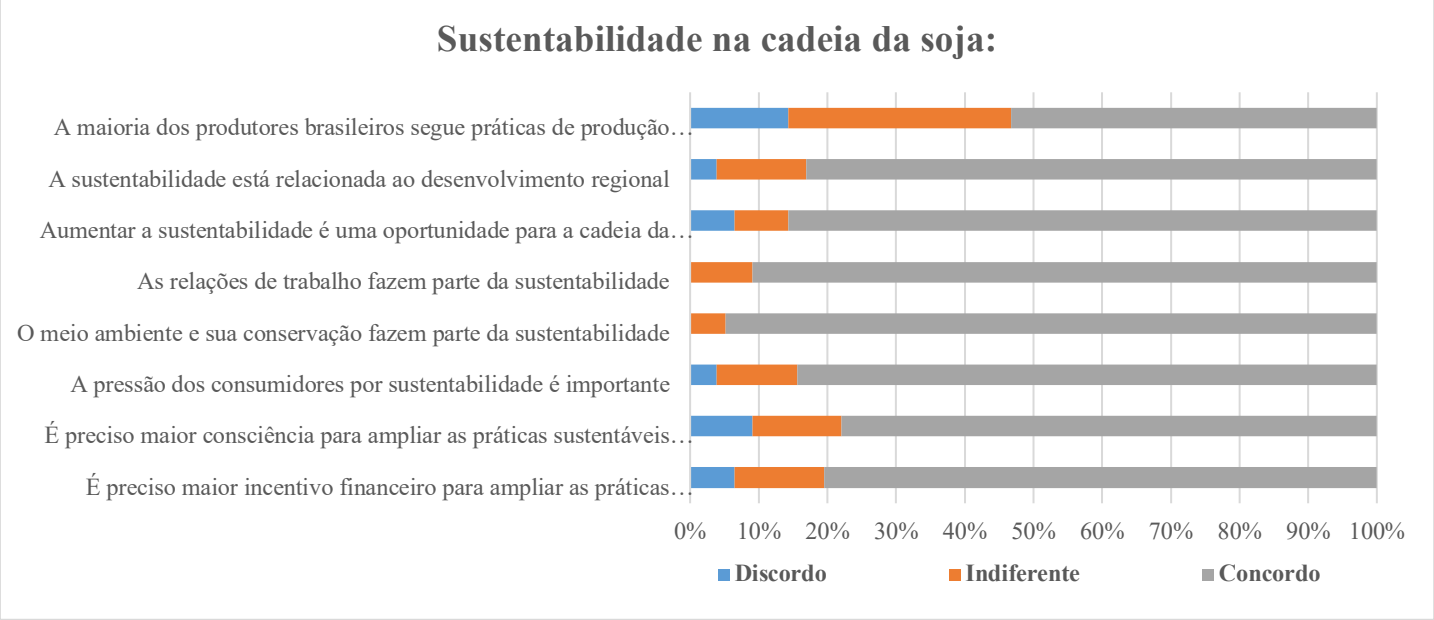
Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Anexo 6. Respostas do questionário on-line sobre quais são os desafios do sistema agroindustrial da soja



Fonte: Dados coletados na pesquisa.

Anexo 7. Respostas do questionário on-line sobre a percepção sobre o que é sustentabilidade para as mulheres do sistema agroindustrial da soja



Fonte: Dados coletados na pesquisa.